



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE JORNALISMO

YANNA DUARTE ARRAIS

GRUPOS FEMININOS MARGINALIZADOS:  
LIVROS DE REPÓRTERES E SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

IMPERATRIZ  
2022

YANNA DUARTE ARRAIS

GRUPOS FEMININOS MARGINALIZADOS:  
LIVROS DE REPÓRTERES E SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para a obtenção do grau de Jornalista.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel

IMPERATRIZ  
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Arrais, Yanna.

Grupos Femininos Marginalizados : livros de repórteres e superação de estereótipos / Yanna Arrais. - 2022.  
64 f.

Orientador(a): Alexandre Maciel.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

1. Estereótipos de gênero. 2. Grupos femininos. 3. Jornalismo de fôlego. 4. Livro de repórter. 5. Livro-reportagem. I. Maciel, Alexandre. II. Título.

**YANNA DUARTE ARRAIS**

**GRUPOS FEMININOS MARGINALIZADOS:  
LIVROS DE REPÓRTERES E SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Alexandre Zarate Maciel

Aprovado em: 15/12/2022

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador)

---

Profa. Dra. Thaisa Cristina Bueno (Examinadora)

---

Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro (Examinadora)

Imperatriz

2022

*Para o meu avô, que me ensina desde criança a ser mais humana.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer aos meus amigos e amigas que acrescentam tantos sentidos na minha vida e me apoiaram durante momentos difíceis da graduação. Gislei, João Marcos, Catharina, André, vocês seguraram muitas barras comigo, e alegrias também.

Agradeço, ainda, aos amores da minha vida, às minhas amigas Letícia, Liza e Manu, vocês são tão importantes que tudo fica mais possível e bonito.

Agradeço ao meu avô e à minha mãe, pelo incentivo.

Agradeço também aos meus professores e professoras que contribuíram para a construção de um senso crítico em minha jornada profissional. Obrigada por tanto. Ao meu orientador, Alexandre, por me ensinar a ver o elemento humano em tudo. Obrigada pela paciência, também.

Agradeço aos dois anos como bolsista de iniciação científica no Pibic e Fapema, importantes caminhos na minha formação enquanto pesquisadora na academia. Sem essa experiência, eu não teria tido dimensão da importância do fomento aos estudantes pesquisadores/as. Vida longa ao Pibic e Fapema, e que a gente construa governos que potencializem ainda mais essas políticas para todes.

Agradeço aos meus camaradas comunistas; vocês me encorajaram muito durante esse tempo de escrita. Obrigada por tanto aprendizado.

Agradeço, por fim, ao meu camarada e companheiro, João. Você segurou muitas lágrimas durante esse percurso difícil que foi a escrita desse trabalho, e eu só posso dizer muito obrigada.

Por último, quero dedicar este trabalho ao meu pai, Fabioney, que já não está mais entre a gente. Pai, você é uma das pessoas que eu mais gostaria que estivesse presente nesse dia da defesa, por isso, essa é pra você. Sei que estamos juntos, em universos diferentes, partilhando um sentimento de amor e gratidão. Você faz muita falta.

***“Prefiro os países conquistados aos conquistadores.”***

*- Wislawa Szymborska*

***“Mas a gente, que nem semente daninha,  
vinga, se espalha, sobre  
vive.”***

*- Tatiana Nascimento*

## RESUMO

O livro de repórter envolve uma prática que permite aos jornalistas desconstruir estereótipos perpetuados muitas vezes pela cobertura midiática tradicional. Essa forma de jornalismo pode ser classificada como de fôlego (MACIEL, 2018), já que possibilita ao profissional se debruçar sobre temas complexos com maior tempo de apuração. O objetivo central desse trabalho é compreender como o livro de repórter contribui para a superação de visões estereotipadas e simplificadoras sobre grupos femininos marginalizados, tendo como recorte as obras jornalísticas *Presos que menstruam* (2015), de Nana Queiroz, *Conversas de cafetinas* (2009), de Sérgio Maggio e *A vida nunca mais será a mesma* (2021), de Adriana Negreiros. Interessou perceber como os escritores constroem na narrativa a questão da humanização, a superação de estereótipos, visibilidade aos invisíveis e a subjetividade e respeito ao outro. Para cumprir o objetivo, utilizamos a análise temática (BRAUN & CLARKE, 2006) e a entrevista semi-estruturada (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003) com a finalidade de analisar as três obras escolhidas. Sob essa ótica, constatamos que os/as autores (as) seguem as quatro categorias consideradas importantes para a elaboração de obras que desconstruem estereótipos.

Palavras-chave: livro de repórter; livro-reportagem; jornalismo de fôlego; grupos femininos, estereótipos femininos.

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u> .....	9
<u>1 MAS, AFINAL, O QUE É REPORTAGEM?</u> .....	12
<u>1.1 Livro-reportagem ou livro de repórter?</u> .....	17
<u>1.2 Superação de estereótipos em narrativas femininas</u> .....	21
<u>1.3 Subjetividade e respeito ao outro</u> .....	25
<u>1.4 Conferindo visibilidade aos invisíveis</u> .....	28
<u>2 ANÁLISE: EM BUSCA DE UM OLHAR HUMANO</u> .....	31
<u>2.1 Vozes que emprestam o olhar ao comum: Sérgio Maggio</u> .....	33
<u>2.1.1 Uma voz ativa pelo feminino: Nana Queiroz</u> .....	34
<u>2.1.2 Da dor do íntimo, o compromisso social: Adriana Negreiros</u> .....	35
<u>2.2 A postura humana como ponto de partida em narrativas femininas</u> .....	36
<u>2.3 O uso dos sentidos na desconstrução de estereótipos</u> .....	40
<u>2.4 É preciso se colocar com emoção</u> .....	44
<u>2.5 Pode o jornalismo invisibilizar alguém?</u> .....	47
<u>3. UMA CONVERSA ENTRE PROFISSIONAIS: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO ABERTO E RESPEITO</u> .....	52
<u>3.1 É preciso pedir licença</u> .....	52
<u>3.2 Uma conversa a três: posturas para superar estereótipos</u> .....	54
<u>3.3 Como lidar com a subjetividade?</u> .....	56
<u>3.4 O seu jornalismo procura dar visibilidade aos invisíveis?</u> .....	57
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	60
<u>REFERÊNCIAS</u> .....	63

## INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma forma de conhecimento que contribui para a formação de opinião, por meio de seus profissionais, sobre as diferentes problemáticas que nos cercam na sociedade. Com essa atividade, é possível propor novas visões de mundo, mas, também, perpetuar conceitos e estereótipos acerca de grupos sociais, principalmente aqueles que vivem à margem da sociedade.

No jornalismo de fôlego (MACIEL, 2018), os/as jornalistas dispõem de um tempo mais flexível que os/as permite investigar um tema a fundo. No caso do livro-reportagem, os/as escritores (as) contam com um tempo mais longo de apuração, podendo criar relações com as fontes, contextualizar as problemáticas e imprimir uma identidade própria ao texto. Por isso, utilizar esse canal para a desconstrução de estereótipos que circundam temas sensíveis como a violência de gênero, a prostituição e o encarceramento feminino nos presídios brasileiros, é uma ação que faz do jornalismo um meio importante no questionamento de desigualdades e superação de preconceitos. Nesse contexto, torna-se imprescindível entender como o livro-reportagem pode contribuir para a desmistificação das visões estereotipadas acerca de grupos femininos.

A partir dessa discussão, utilizamos o conceito que melhor se adequa a nossa pesquisa: o livro de repórter (MAROCCO, ZAMIN E SILVA, 2019), onde o jornalista e autor cria uma alternativa ao modo de objetivação jornalística, seguindo rumos contrários ao modelo das redações tradicionais, onde a pressão por dar “furos” e produzir notícias para consumo em escala industrial é exigida. A partir do momento em que o repórter-autor pode, nesse formato, relatar a sua própria experiência de apuração, que é única e, portanto, subjetiva, promove um campo em que se redesenha novas práticas e a oportunidade de crítica às antigas, podendo, inclusive, desconstruir estereótipos.

Por isso, esta pesquisa tem como objetivo estudar esse jornalismo de fôlego, exercitado nos livros de repórter (MAROCCO, ZAMIN E SILVA, 2019), como prefiro chamar (e que compreende os objetos de estudo desta pesquisa), que pretende dar visibilidade e ecoar as vozes dos que são colocados à margem da sociedade, buscando escutar outros e outras não pelo fato de serem diferentes e exóticos, mas por aquilo que carregam dentro de si.

O trabalho tem como objeto os livros jornalísticos *Presos que Menstruam*, de

Nana Queiroz (Editorial Record, 2015), *Conversas de Cafetinas*, de Sérgio Maggio (Arquipélago, 2009) e *A vida nunca mais será a mesma*, de Adriana Negreiros (Objetiva, 2021). Enquanto o primeiro investiga a vida das mulheres nas prisões femininas brasileiras, o segundo aborda o universo das cafetinas em Salvador, e o terceiro traz uma perspectiva íntima sobre a cultura da violência de gênero no Brasil e um estupro sofrido pela jornalista Adriana Negreiros. Busca compreender, portanto, como as questões de gênero atravessam o fazer jornalístico e contribuem na manutenção de desigualdades nessas obras, investigando, também, de que forma a escolha pela subjetividade pode iluminar e construir um jornalismo mais humano e sensível. Além disso, as posturas éticas e subjetivas que circundam as práticas dos jornalistas escritores também são alvo de interesse.

A escolha dos livros utilizados nesse recorte se deu pela importância que reúnem quanto à cobertura de temas caros à vida das mulheres, como a violência de gênero, a prostituição e a condição degradante que elas enfrentam nos presídios brasileiros femininos.

A partir dessa exposição, destaco a importância desta monografia para os debates acerca da imparcialidade exigida no jornalismo de massa e a defesa da subjetividade como construção de uma prática profissional mais humana, mas nem por isso menos rigorosa. Aqui, analiso três livros-reportagem que narram temas caros às vidas das mulheres, buscando compreender de que forma os/as autores/as construíram um trabalho que supera ideias errôneas acerca desses assuntos. Temos duas autoras mulheres e um homem, o que nos permitiu comparar as diferenças de abordagem entre as narrativas escritas por Adriana Negreiros e Nana Queiroz, com a do jornalista Sérgio Maggio, acerca de problemáticas que perpassam questões de gênero. Além de *Presos que menstruam*, essa monografia inova ao estudar dois livros não tão analisados no jornalismo de fôlego até o presente ano: *A vida nunca mais será a mesma* e *Conversas de Cafetinas*.

Para alcançar tal objetivo, foi utilizada a análise temática (BRAUN e CLARKE, 2006) em um primeiro momento, a partir das categorias de humanização, superação de estereótipos, visibilidade aos invisíveis e subjetividade e respeito ao outro, iluminadas a partir da literatura de referência. Por fim, utilizou-se a entrevista semi-estruturada (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003) para entender as posturas éticas dos jornalistas quanto às categorias analisadas. A intenção era simular um diálogo entre os (as) três autores (as) acerca das questões levantadas: humanização, posturas

éticas e de aproximação com as pessoas, estereótipos de gênero e imparcialidade.

Em *Mas, afinal, o que é reportagem?*, trago um contexto histórico de surgimento e a definição do que é reportagem, com as suas mudanças ao longo do aprimoramento do fazer jornalístico. A seguir, exponho as características do livro do livro-reportagem, trazendo uma outra visão do conceito de livro de repórter (MAROCCO, ZAMIN E SILVA, 2019). Após isso, entramos no campo das definições do que seria a humanização (IJUIM, 2017) no jornalismo, a superação de estereótipos, a visibilidade aos invisíveis e o uso da subjetividade (MORAES E GOUVEIA, 2018) como elemento principal do fazer jornalístico.

Com *Análise: Em busca de um olhar humano*, exponho os caminhos metodológicos utilizados para analisar o trabalho. A partir das categorias selecionadas, analisamos trechos dos livros que dialogam com os conceitos apresentados na primeira parte. Por fim, em *Uma conversa entre profissionais: A importância do diálogo aberto e respeito*, simula-se uma conversa entre os jornalistas entrevistados, Adriana Negreiros e Sérgio Maggio, acerca de suas posturas éticas, buscando compreender como procuraram quebrar estereótipos, como se aproximaram das personagens e de que maneira a sua produção reflete um jornalismo que busca estar aberto ao outro.

Por fim, concluímos que é possível utilizar a subjetividade, os sentidos e a perspectiva do feminino na construção de um jornalismo mais receptivo às alteridades, ético e respeitoso com outros e outras. Assim, o livro de repórter é o que melhor contextualiza e nos possibilita aparatos para entender a quebra de estereótipos em assuntos ligados ao universo feminino.

## 1 MAS, AFINAL, O QUE É REPORTAGEM?

O gênero reportagem, como é conhecido na atualidade, passou por transformações desde o seu surgimento, em meados do século XIX (LAGE, 2001), acompanhando os processos históricos com as diferentes manifestações culturais e expressões do fazer jornalístico. Com o advento das redes sociais, os receptores deixaram de apenas consumir as informações para também participar ativamente no processo de produção. Desta forma, a reportagem mantém suas características fundadoras, mas passa por mudanças constantes em sua estrutura.

No século XIX europeu, o público leitor ampliou-se e os jornais deixaram de ter uma configuração publicista (LAGE, 2001). Leitores que antes liam apenas textos opinativos dos editores (que eram geralmente fundadores dos jornais), passaram a consumir outros gêneros, como novelas e folhetins, charges, histórias em quadrinhos e textos ainda curtos, com novidades do cotidiano da época. Como esse novo público estava sendo incorporado aos antigos leitores dos jornais, os textos deveriam ser capazes de despertar a curiosidade. A partir daí, a figura do repórter tem papel fundamental no fazer jornalístico.

A reportagem passou a cobrir os fatos sociais, sejam eles “crimes, as agitações de rua, as guerras e os debates parlamentares” (LAGE, 2001, p. 6). E conseguiu um espaço que acabou se tornando indispensável, o de informar ao público e denunciar as contradições e problemáticas daquela época. A figura do repórter se torna bastante importante e começa a conquistar relevância no imaginário social.

É no exercício da reportagem, portanto, que podemos ampliar o olhar sobre determinada problemática e investigar o contexto, causas e raízes históricas de um fato, para além da resolução de perguntas como o quê, quando, onde, como e por que, tradicionais do gênero notícia.

É no gênero reportagem [...] que o exercício de uma reflexão crítica dos fatos e acontecimentos sociais pode ser mais bem observado. Na reportagem, o jornalista encontra melhores condições de produção e espaço editorial para contextualizar o que na notícia corriqueira seria um relato sem maiores problematizações da ocorrência em questão. Por isso, potencialmente, a reportagem se constitui em um espaço reflexivo dentro da prática jornalística, em que o profissional pode observar de forma mais detalhada a dinâmica

social e apontar de maneira crítica os problemas da sociedade. (GUEDES, 2007, p. 17)

No Brasil, a história da imprensa tem seu início com os relatos oficiais e artigos de opinião (GUEDES, 2007). Nesse caminho, a reportagem originalmente se confunde com o fazer literário.

Assim, os primeiros profissionais a escreverem para os jornais eram especialmente os literatos da época, homens afeitos às letras preocupados especialmente com questões de ordem política, que contribuíram ainda mais para a conformação de uma estética literária nas páginas dos periódicos. (GUEDES, 2007, p. 18)

Ao falar de reportagem, é impossível não citar muitos homens que ascenderam no jornalismo por também serem políticos, intelectuais e literatos, como o brasileiro Euclides da Cunha. O trabalho de correspondente de Euclides, na cobertura da guerra de Canudos (1896-1897), gerou, mais tarde, o livro *Os sertões* (1901). Nos Estados Unidos, a grande referência foi Truman Capote (1924-1984), jornalista e escritor que escreveu *A Sangue Frio* (1965), romance de não ficção que investiga o assassinato da família Clutter, na década de 1960, considerado pioneiro no gênero romance-reportagem. Naquele momento, os jornalistas ainda não tinham papel central na produção de notícias como profissionais técnicos do ofício, por isso, os escritores puderam se aproximar dessas funções.

Nessa época, as mulheres ainda eram, mais que hoje, desmoralizadas intelectualmente. Por isso, fala-se muito em como os homens galgaram posições de destaque na imprensa. No entanto, entendemos que isso acontece apenas porque as mulheres, numa construção social, sempre foram limitadas ao trabalho reprodutivo e doméstico, sendo impedidas de ocupar esses espaços, e cabe a nós, pesquisadoras, contar a nossa própria história.

Mulheres como a jornalista norte-americana Nellie Bly (1864-1922), desafiam esses preconceitos há muito tempo. Há 130 anos, ela se consagrou como pioneira do jornalismo investigativo por desafiar o seu editor da época, e embarcar em uma viagem ao redor do mundo com a missão de completar o roteiro mais rápido que Phileas Fogg, personagem do livro *A volta ao mundo em 80 dias* (1873), de Júlio Verne. Ela não só conseguiu fazer o percurso em 72 dias e seis horas, percorrendo mais de 40 mil quilômetros pela Europa, Ásia, África e América, viajando de navio a vapor, barco, trem, riquixá, cavalo e até um burro, como fez isso sozinha, falando

apenas inglês. O jornal para qual trabalhava, o *New Yorker World*, realizou uma grande cobertura de sua viagem na época.

A jornalista e escritora norte-americana Joan Didion (1934-2021) é um dos grandes nomes do jornalismo literário. Conhecida por cobrir eventos marcantes do ano de 1960 na Costa Oeste dos Estados Unidos, compilados posteriormente no livro *Rastejando até Belém* (1968), a escritora escreveu sobre o movimento hippie, o assassinato de Sharon Tate (da qual era vizinha), além de se envolver em pautas famosas, como a Marcha pela Paz, em 1970. Panteras Negras, questões raciais, contestação e agitação cultural também faziam parte dos assuntos que foram cobertos por ela.

No Brasil, a jornalista e repórter Eliane Brum é conhecida por suas inúmeras reportagens de fôlego que cobrem não só os direitos humanos, mas a vida, as pessoas invisíveis que as histórias famosas não retratam e os problemas da realidade brasileira. Conquistou o prêmio Jabuti, em 2007, com *A vida que ninguém vê*, uma coletânea de textos sobre “desacontecimentos” da vida. Por isso, nesta pesquisa, buscamos fazer o caminho inverso. Estudamos não apenas as mulheres que escreveram livros-reportagem, como também de que forma o jornalismo pode fugir de estereótipos na cobertura de problemáticas que as cercam.

De fato, a literatura e o jornalismo sempre andaram muito próximas, e na reportagem, o jornalista tem a oportunidade de se debruçar calmamente sobre um assunto em suas mais variadas faces. Pode, inclusive, utilizar de linguagens e formatos que acrescentem vida ao texto, como os sentidos, a descrição minuciosa de lugares, sensações e cheiros que residem no mundo. Euclides da Cunha, no final do século XIX, retratou muito bem a Guerra de Canudos, uma comunidade no sertão da Bahia que resistiu incansavelmente contra a repressão do Estado e os altos impostos, a pobreza e a seca no interior baiano. Euclides passou dois meses no local, como correspondente do jornal *A Província de São Paulo*, e viveu uma das primeiras reportagens imersivas que temos documentadas no Brasil, buscando retratar com veracidade e rigor científico um tanto enviesado, o conflito que se desenrolava naquele momento. Embora a obra de Euclides seja hoje distante do que chamamos de livro-reportagem, se encaixando na verdade como ensaio literário, é inegável a contribuição que o escritor concretizou para o jornalismo e a reportagem no Brasil.

Trazendo para hoje, algumas alternativas independentes como *Agência Pública*, *Uol Tab* e a *Revista Piauí*, direcionam o foco para a elaboração de grandes

reportagens, seja no jornalismo investigativo ou na cobertura de problemas ignorados pela mídia tradicional acerca da realidade brasileira. Estes veículos conduzem reportagens de fôlego e humanizadas, principalmente na web, que tratam de um assunto no qual o/a repórter se coloca no local de investigação, observa a cultura de um determinado lugar e faz denúncias políticas, como no caso da *Agência Pública*. Embora reconheça-se o caráter essencial desses espaços independentes que vão na contramão das agências tradicionais, seja cobrindo pautas investigativas ou “menos” interessantes para os veículos famosos, as redações ainda têm poucas mulheres no cargo de editoras-chefes.

Segundo pesquisa de 2020 do Instituto Reuters<sup>1</sup>, apenas 23% dos editores-chefes de grandes veículos são mulheres. A pesquisa teve como recorte 200 empresas de mídia, as “10 mais populares no segmento digital e as 10 mais populares no segmento impresso/televisivo/radiofônico”, em cada um dos dez países pesquisados: África do Sul, Hong Kong, Japão, Coreia do Sul, Finlândia, Alemanha, Reino Unido, México, Estados Unidos e Brasil.

Os ambientes das redações brasileiras, conforme afirma o recorte dessa pesquisa, reforçam que o mercado ainda é bastante preconceituoso e misógino para com as profissionais mulheres que conseguiram algum espaço. Realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Gênero e Número, a pesquisa tem como objetivo “investigar a situação das jornalistas nas redações, os tipos de assédio e violência que enfrentam em suas rotinas de trabalho e como respondem a eles”. De acordo com os dados, 83,6% das profissionais mulheres afirmam ter sofrido algum tipo de violência psicológica nas redações e 73% escutaram piadas de natureza sexual sobre mulheres no seu ambiente de trabalho.

Em 2017, a reportagem *Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece*, do jornalista Chico Felitti, emocionou o Brasil e ganhou fama pela sua sensibilidade acerca de uma figura conhecida nas ruas de São Paulo. Publicada no *Buzzfeed News Brasil*, acabou vencendo o Prêmio Petrobras de Jornalismo. Para elaborar o texto, Felitti mergulhou cerca de quatro meses na história do artista e morador de rua da maior capital do Brasil. Ricardo Correa da Silva foi “um cabeleireiro disputado nos anos 1970 e 1980, esquizofrênico, drag queen, artista de rua e

---

<sup>1</sup> Com o título em original “Women and Leadership in the News Media 2020: Evidence from Ten Markets Simge” dos autores (as) Andi, Meera Selva, and Rasmus Kleis Nielsen, o instituto Reuters divulgou a pesquisa que trata sobre o gênero da chefia de grandes redações ao redor do mundo.

frequentador do underground”<sup>2</sup>, que virou uma espécie de lenda urbana nas ruas de São Paulo. Após receber uma mensagem no Facebook de uma pessoa desconhecida dizendo que o artista havia morrido, Chico resolveu investigar a vida desse homem curioso que há algum tempo já o instigava. Mais tarde, lançou o livro-reportagem *Ricardo e Vânia* (2019), pela editora Todavia, ampliando o tema.

A sensibilidade com a história, a relação de intimidade construída com Ricardo e a apresentação da reportagem no site, desde a forma que é escrita até a disposição das fotos que dão apoio visual, caracterizam o texto<sup>3</sup> de Felitti, no qual o repórter não é uma figura distante e muito menos imparcial em relação ao tema investigado:

A cada visita, Ricardo parecia mais em contato com a realidade. Uma psiquiatra da equipe que o tratava disse que eles acreditavam ter encontrado remédios que conseguiam manter a esquizofrenia dele controlada. Os enfermeiros contavam que os episódios de agressividade aconteciam cada vez com menos frequência. Calmo, Ricardo nos contava sobre sua vida nos últimos anos. "A rua não é a sala da casa da gente. Tem que ter muito tato, muita sensibilidade".

No ano de 1997, em um Brasil recém “democratizado”, o jovem baiano Sérgio Maggio tomou como tarefa de trabalho de conclusão de curso, o desafio de tentar entender como vivem e o que pensam as cafetinas em Salvador e no interior da Bahia. Intrigado desde criança pelas figuras místicas da literatura de Jorge Amado, em sua famosa obra *Gabriela, cravo e canela* (1958), Sérgio buscou entender como se constituía o poder das famosas “donas de casas”, como elas próprias gostavam de ser chamadas, que estavam à frente dos cabarés de prostituição no estado.

Durante seis meses, viveu desafios inusitados para conseguir a confiança dessas mulheres a respeito de suas vidas, bem como tratou de tabus como o HIV, o uso de drogas pelas garotas de programa e o projeto da época, do governo do Estado, de acabar com as famosas casas de prostituição, muitas fixadas em um local histórico de Salvador. Ainda foi mais além quando buscou esboçar no seu livro a relação ambígua das cafetinas com as garotas de programa, que se constituía numa questão delicada, envolvendo ao mesmo tempo amor e conflitos, poder e proteção. Mas foi somente em 2008, 11 anos após a defesa de seu trabalho, que sentiu já não poder

---

<sup>2</sup> Trecho retirado da descrição do livro no site da editora Todavia.

<sup>3</sup> Trecho retirado da reportagem “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”, de Chico Felitti, no BuzzFeed News Brasil.

guardar mais essas histórias potentes. Resolveu, então, reescrever e publicar *Conversas de cafetinas* (2009), um dos três livros-reportagem analisados por essa pesquisa no segundo capítulo, e que ganhou o 3º lugar na categoria reportagem no prêmio Jabuti, em 2010.

### 1.1 Livro-reportagem ou livro de repórter?

Entendendo a reportagem como um olhar demorado e atencioso para as diferentes realidades presentes no mundo, o livro-reportagem pode ser definido como:

(...) o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalístico periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26)

Para Lima (2009), o livro-reportagem se diferencia de outros tipos de obra por três fatores. Primeiro, o seu conteúdo. O tema e/ou objeto de um livro é sempre algo que existe na realidade concreta, fruto de um incômodo, uma problemática, que se torna objeto de investigação do jornalista. Segundo, quanto à linguagem jornalística. Há, nos livros-reportagem, um cuidado especial com o texto que envolve a montagem e edição. E terceiro, quanto à sua função. Partindo de uma investigação profunda com diversas fontes (oficiais e não oficiais), personagens e dados fundamentais, o livro escrito por um repórter tem como objetivo informar, orientar e instigar o leitor a entender de muitos ângulos uma vida, um fato histórico, uma problemática social.

Ainda na visão de Lima (2009), o livro nasce de uma inquietude do jornalista tradicional de redação, que precisa de um formato espaçoso, amplo e confortável para esmiuçar temas tratados de forma mais superficial na grande mídia. Ou é fruto disso, ou de um outro ponto que o consome: a necessidade de utilizar todo o seu potencial em uma plataforma que o permita explorar à vontade um nível maior de aprofundamento da prática jornalística. É o caso dos livros analisados nesta pesquisa. Os temas investigados exploram com humanização, precisão e detalhes, situações

que mulheres cis e trans viveram e ainda vivenciam em nossa sociedade; como aquelas encarceradas em presídios femininos, as cafetinas e garotas de programa, e as que sofrem e sofreram violência sexual, como o estupro.

Falar desses temas envolve não só uma posição humana de escrita e denúncia de situações as quais as mulheres vivenciam desde que estão nesse mundo - e que as violentam de maneira física, intelectual e subjetiva -, mas também assumir uma posição feminista de escuta e narrativa desses casos. Afinal, a intersecção de gênero, raça e classe também é uma ferramenta fundamental para se investigar uma problemática social. Por isso, o (a) jornalista deve, acima de tudo, ouvir e não lançar um olhar de exotividade sobre essas mulheres.

No livro *Presos que menstruam* (2015), a jornalista Nana Queiroz parte para uma investigação a respeito das condições materiais nos presídios femininos, e encontra histórias dolorosas de mulheres que convivem diariamente nesses locais com a misoginia, a violência sexual e psicológica, agravada por serem mulheres. A respeito disso, a repórter trata esse assunto com bastante humanidade:

Adentrei esse mundo me lembrando de ser uma mulher falando com outras mulheres. Trouxe meu olfato, meu paladar, minha visão, minha audição e meu tato, mas também meu coração, porque acredito que a realidade não é completa se não é sentida e que os jornalistas fariam relatos melhores se compreendessem os sabores emocionais das realidades. Nas bordas do sistema, conheci mulheres que ganharam meu interesse, minha empatia e até meu afeto". (QUEIROZ, 2015, p. 18)

Lima (2009) elenca alguns tipos de livros-reportagem, como perfil, biografia, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, denúncia e viagem. Nessa pesquisa, nossos objetos possuem um pouco de cada um, se concentrando em contar histórias de personagens "comuns" e denunciar posições de marginalização em que as mulheres estão inseridas. Já para Belo (2013), o livro-reportagem "pode ser definido como:

(...) um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2013, p. 41)

Para este autor, o conceito de livro-reportagem mantém uma relação muito próxima com a concepção de jornalismo. Em especial, aquele feito com profundidade – que norteia esta pesquisa – como também o que se apresenta como mais crítico e analítico. Belo (2013) esclarece que, do ponto de vista técnico, o livro-reportagem é o formato mais rico para a profissão, pois permite que o repórter investigue temas com paciência, voltando-se para o mesmo entrevistado outras vezes, cruzando fatos e relatos. Além de ter na historiografia um campo inesgotável de informações que o jornalista pode se basear. “Forma, conteúdo, e, em especial, dimensão, consistem no conjunto de características que diferenciam o jornalismo em livro do praticado em outros meios” (BELO, 2013, p. 41). Quando falamos de reportagem em livro, estamos tratando da investigação de um assunto que não é efêmero, não se esgota em si mesmo. E o livro é o formato ideal para essas investigações, pois não pretende dar respostas para tudo, mas sim, plantar questões e fazer o leitor se interessar e refletir.

Ainda no universo do jornalismo de livros, se por um lado autores como Lima (2009) e Belo (2013) pensam o livro-reportagem a partir das características citadas acima, as pesquisadoras Marocco, Zamin e Silva (2019) argumentam que as obras deste gênero não se limitam apenas a essas definições. Elas entendem o livro como objeto de conhecimento e aprendizado das práticas jornalísticas, mas, principalmente, um contraponto aos modos de objetivação comuns na rotina diária da profissão. A partir do momento em que o repórter pode, nesse formato, relatar a sua própria experiência de apuração, que é única e, portanto, subjetiva, promove um campo em que se redesenha novas práticas e a oportunidade de crítica às antigas. No livro de repórter, termo cunhado por elas, o exercício de escuta e posição ativa dos profissionais da imprensa para a construção da narrativa “evidencia a existência de um jornalista que critica a prática e, ao mesmo tempo, pode criar um modo de produção autoral e a materialização de saberes nos livros que escreve” (MAROCCO et al, 2019, p. 37).

Para essas pesquisadoras, há algumas ações que são encontradas nos livros de repórteres que os tornam tão específicos: a) Uso da informação como arma: quando se busca entender, observar e sentir o que não se diz sobre determinado assunto; b) Cuidado com a fonte, já que o escritor põe em foco a escuta aos que estão à margem da sociedade, e tenta se desvencilhar do caráter industrial de produtividade das fontes no jornalismo; c) Experiência sensorial: na qual o jornalista utiliza o corpo como objeto central do sentir e da vivência jornalística; e d) Escrita: o profissional

sente o mundo por meio de sua escrita, e é transportado para um ambiente, por vezes o passado, por meio dessa escrita.

No livro de repórter, segundo Marocco et al (2019), a experiência precisa apontar para o desejo ativo de escuta e atenção às possibilidades alternativas que se apresentam na construção da narrativa. Essas experiências são subversivas ao modo de objetivação jornalística, pois o livro de repórter vai além de um jornalismo industrial. Não se pretende ser objetivo, imparcial e nem esgotar um assunto. Podemos perceber essa afirmação na questão do texto, já que o livro de repórter apresenta uma abordagem que se abre às dúvidas, hesitação e perplexidade do fazer jornalístico.

Além disso, como também ressaltam as autoras, a prática relacional repórter-fonte é outra especificidade neste campo. O repórter, que deve manter uma certa neutralidade em seu discurso, pois não vivenciou de fato o que investiga, é “atravessado” pelos depoimentos múltiplos das fontes que escuta e que comprovam ou atestam o “fundo de verdade” de sua narrativa. No livro de repórter, o (a) jornalista vem de uma produção autoral no jornalismo noticioso e, neste espaço, pode criar uma “autoralidade no jornalismo de livros, materializando saberes e tecendo críticas à prática” (MAROCCO; ZAMIN e SILVA, 2019).

Em oposição à noção de verdade e objetividade positivista, predominantes na deontologia do jornalismo, o sujeito-repórter aparece na narrativa destes profissionais como elemento fundamental no processo cognitivo de interpretação da realidade. Percebe-se a possibilidade do rigor do método sem que a prática se restrinja ao cumprimento tecnicista, burocrático e à superfície dos acontecimentos. Ao refletirem sobre suas práticas, os jornalistas autores e autoras de livros de repórter descrevem corpo, a intuição, a sensorialidade como parte intrínseca aos procedimentos e métodos relativos às práticas jornalísticas desempenhadas. Dão a ver a dimensão subjetiva, a existência de um Eu que participa do processo de construção do Outro. (MAROCCO; ZAMIN e SILVA, 2019, p. 43)

No livro-reportagem *A vida nunca mais será a mesma* (2021), da jornalista Adriana Negreiros, um sequestro relâmpago, em 2003, seguido de um estupro sofrido pela própria autora, é o ponto inicial para a jornalista contar a sua história e a de outras mulheres que sofreram com a cultura da violência sexual no Brasil. Em um relato potente do fato que transformou a corajosa jornalista em uma mulher com traumas irreparáveis, Adriana traz consigo a história de outras mulheres, crianças e adolescentes que foram violentadas por estranhos, ou até mesmo pelos pais, avós, namorados e maridos dessas mulheres, que tiveram a sua humanidade marcada pela violência de gênero.

A obra alterna relatos pessoais e de outras personagens, tanto anônimas quanto famosas. É o caso do episódio da deputada federal Mária do Rosário em 2003, quando o então deputado federal Jair Bolsonaro afirmou que não a estupraria porque ela não merecia. Também é citado o caso da jornalista Nana Queiroz, que encabeçou a campanha “Eu não mereço ser estuprada”, em 2014. Negreiros apresenta, ainda, um panorama legislativo dos avanços nos direitos das mulheres. Mas, além disso, constrói com humanidade um relato difícil que toda mulher, seja famosa ou não, já vivenciou: a violência de gênero.

## 1.2 Superação de estereótipos em narrativas femininas

Quando se fala em estereótipos, o jornalismo, como uma forma de discurso, pode reproduzir violências e preconceitos que estão inseridos nas dinâmicas da sociedade. Valores como força, dominação, razão desprovida de emoção, individualismo e verticalidade são tidos como masculinos, enquanto a sensibilidade, o cuidado, a emoção e horizontalidade são identificados como femininos, sendo os dos homens priorizados. Isso também ocorre com os princípios profissionais, que são guiados pelas perspectivas de gênero, expressos nas condutas e no fazer jornalístico (VEIGA DA SILVA, 2021).

Viver em uma sociedade patriarcal e cisheteronormativa<sup>4</sup> embasa as noções de verdade, do que é normal. Segundo a autora, o mundo antropoceno que tem no homem branco cis, hétero, capitalista e ocidental, o ponto alto de sua expressão, incide um sentindo incisivo sobre a nossa existência, ignora as outras formas de ser e violenta as perspectivas e olhares femininos.

Para esses valores masculinistas, a objetividade, neutralidade, a razão e as formas de existências de minorias – não no sentido quantitativo, mas no que se refere

---

<sup>4</sup> De acordo com as pesquisadoras Natália Nigro de Sá e Regina Szyllit em seu artigo “Cisheteronormatividade e Luto na Experiência Familiar da Pessoa Não-Cisgênero” (2021, p. 52), “uma sociedade cisheteronormativa é aquela na qual a cisgeneridade é a norma e os padrões de comportamentos heterossexuais são dominantes e todos aqueles contrários a esse padrão são estigmatizados e punidos. Simplificando, apesar dos avanços em relação ao debate de gênero e sexualidade, que visa ampliar as perspectivas sociais a respeito da pluralidade de identidades e orientações sexuais do ser humano, ainda vivemos em uma sociedade intensamente gendrificada e moldada em uma estrutura cisheteronormativa, na qual está vigente uma ordem de gênero que predetermina os percursos sociais alocados sobre as pessoas à serviço do controle dos corpos e subjetividades do ser humano”.

ao direito de fala, pertencimento e representação – como a população LGBTQIAP+, povos indígenas, quilombolas e pessoas negras, não são dignos de serem representados com humanidade (VEIGA DA SILVA, 2021).

Veiga da Silva (2021, p. 276) considera que é necessário resgatarmos o espaço da subjetividade e do sujeito. “A subjetividade seria esse espaço relativo ao sujeito e aos elementos que o constituem, material e culturalmente”. A subjetividade é onde residem os valores sociais dos jornalistas e suas visões de mundo, fruto dos processos de socialização de gênero, e isso se expressa no que é produzido. Portanto, na visão da autora, posturas machistas, misóginas e racistas, entre outras, são adotadas pelos sujeitos e isso influencia em suas concepções de mundo. Assim como saberes construídos pela família, a igreja, a heteronormatividade e o capitalismo, reforçados pelos próprios meios de comunicação.

Portanto, Veiga da Silva conclui que adotar uma postura crítica de como o jornalista compreende a realidade é dever de todos e todas na construção de um jornalismo que respeite e compreenda o outro. É importante nos perguntarmos: Como estamos formando opiniões por meio de nossas reportagens sem questionarmos os valores que constituem as nossas próprias? Como se fala de um Outro a partir de uma visão colonizada? Por isso, é preciso humanizarmo-nos, para ouvir o Outro. “Se, por um lado, o jornalismo como um campo participa da reprodução de sistemas de valores como o machismo, por outro tem potência de interferir na cultura de modo a transformá-la” (VEIGA DA SILVA, 2021, p. 278).

Por isso, a “ruptura com o masculino é capaz de transformar relações de poder e produzir um conhecimento social transformador. No jornalismo, essas práticas existem e são do âmbito convencionado como feminino” (VEIGA DA SILVA, 2021, p. 274). Assumir uma postura feminina e feminista de produção de um novo jornalismo é o que permite questionar e mudar essas práticas masculinistas, conforme ressalta a autora. Com a mobilização de grupos historicamente excluídos na hierarquia de poder e a cobrança por meio desses agentes para que se debata sobre questões sociais, o jornalismo, como produto de seu tempo, é pressionado a questionar também as suas práticas.

No Brasil, como lembra Veiga da Silva (2021), as formas de organização política mais coletivas e horizontais, como o “Junho de 2013”, os debates no imaginário social sobre gênero, raça e classe, a produção de conteúdo por pessoas na internet junto com uma radicalização à esquerda e as eleições de 2018, são alguns

dos elementos que contribuem para que se debata a respeito do fazer jornalístico. E agora, para as autoras citadas neste trabalho, aqueles e aquelas que foram excluídos desses debates durante todo esse tempo, fazem parte das redações jornalísticas, impulsionando para uma crítica mais ferrenha dessas práticas.

A partir dos trabalhos de jornalistas mulheres como Eliane Brum, Adriana Negreiros, Nana Queiroz e Fabiana Moraes, resgata-se a perspectiva do feminino para o jornalismo. Ao se recusarem a seguir essas práticas antigas, constroem uma postura receptiva à alteridade e possibilitam ações de resistência ao poder masculinista. “O fato de serem identificadas com essa identidade de gênero contribui com uma posição de sujeito em que estejam mais familiarizadas com os atributos do feminino” (VEIGA DA SILVA, 2021, p. 275).

Para assumir uma postura subjetiva, que não despreza a objetividade mas, pelo contrário, a ressignifica com emoção, Veiga da Silva (2021) denomina algumas ações de resistência ao poder masculinista que surge em uma prática colaborativa e horizontal entre os/as profissionais, fontes e veículos. É o caso do jornalismo independente realizado por veículos como *Agência Pública* e *AzMina* e praticado por repórteres citados e estudados por esta pesquisa.

São ações de resistência ao poder masculinista aquelas em que o cuidado com o Outro e a reflexividade permanente sobre as práticas, por parte da/os profissionais, servem de balizas éticas, rompendo com o ideário masculinista-objetivista que delega estritamente às empresas, às estruturas, às técnicas e aos manuais a responsabilidade pelas interpretações e conhecimentos que se produz sobre os Outros. (VEIGA DA SILVA, 2021, p. 274)

Estar disponível ao Outro também se torna complicado quando as condições de trabalho dos jornalistas vêm sendo cada vez mais precarizadas e flexibilizadas, como acontece no cenário atual de acirramento da crise capitalista em um país do sul global, como o Brasil. A perda de direitos, baixos salários, alta competição, baixa autoestima e acúmulo de tarefas torna esse encontro com o Outro muito mais difícil, pois o (a) próprio (a) jornalista já se vê em um processo de desumanização do seu trabalho (MORAES, 2018; 2019). É uma forma de resistência, entretanto, elaborar reportagens que propõem uma escuta atenta ao outro, mas é preciso que se vá além. Como aponta Moraes, esses profissionais precisam ter condições materiais saudáveis, como direitos trabalhistas assegurados, para propor essas alternativas e reportagens que vão na contramão de um jornalismo industrial e engessado.

A partir das concepções das autoras e autores citados acima, esta pesquisa tem como objetivo entender de que forma os livros de repórter, com o exercício e crítica de suas práticas, contribui para a quebra de estereótipos femininos nas narrativas jornalísticas por meio desse formato. Os três objetos estudados, sendo um escrito por um jornalista homem e os outros dois por mulheres, tratam de questões sensíveis à vida das mulheres – cis e transgêneras –, como a violência doméstica, a prostituição, o estupro e o encarceramento feminino nas prisões brasileiras.

### 1.3 Subjetividade e respeito ao outro

As (os) autores (as) mergulharam em um processo para além dos valores-notícias enraizados no jornalismo para oferecerem ao público as obras analisadas nesta monografia. Ousaram ouvir e refletir a respeito de narrativas que superam o exótico. Escutaram depoimentos de pessoas comuns que muito tem a dizer sobre cultura, história e socialização. Esses escritores e escritoras jornalistas utilizaram a subjetividade como “estratégia metodológica para o desenvolvimento de narrativas na contemporaneidade” (MORAES e GOUVEIA, 2018, p. 100).

Em 1948, com o surgimento da *Associated Press* e de reportagens pautadas em fatos, a linguagem jornalística passou a ser guiada pela objetividade, imparcialidade, universalidade e a pirâmide invertida. Ainda hoje, o jornalismo é baseado nesses ideais que supostamente garantem um distanciamento do que se notícia. Porém, ao ter como referência essa objetividade inalcançável e o apagamento das emoções no texto, acaba-se caindo num discurso positivista. Por isso, nesta pesquisa, defendemos, como Moraes e Gouveia, que:

(...) as funções que competem ao jornalista vão além do que meramente informar, mas também incluir humanização de histórias, representação de sentimentos e emoções, estes importantes para a compreensão de um fato, fenômeno. Da dinâmica social, enfim. (MORAES E GOUVEIA, 2018, p. 103)

Esse jornalismo de fôlego, que pretende dar visibilidade e ecoar as vozes dos que são colocados à margem da sociedade, e que busca escutar esse outro não pelo diferente e exótico, mas pelo que ele carrega dentro de si, é o nosso objeto de estudo. A partir dessa prática que explora as diversas particularidades sociais; pessoas e assuntos que encontram menos espaço nas reportagens da grande mídia, são investigados em um movimento contrário do que é pré-concebido pelo jornalismo tradicional.

A perspectiva da subjetividade, segundo ressaltam Moraes e Gouveia (2018), não abandona a linguagem jornalística, tampouco o mundo sensível como referência, mas é um manifesto à concepção limitadora de objetividade ensinada pelos grandes manuais. A prática comum e rotineira, segundo os autores, destrói a autonomia e

liberdade do repórter de se sensibilizar com um tema e condiciona-o apenas a “relatar fatos”.

É possível, de acordo com os/as autores (as) já citados, construir reportagens que privilegiem tanto a objetividade quanto a subjetividade. A partir das produções jornalísticas de Moraes - para além da universidade -, assim como as de Eliane Brum, Nana Queiroz, Adriana Negreiros e Sérgio Maggio, se constrói um jornalismo que olha para pessoas e grupos sociais sem exotificá-los, que busca semelhanças e não diferenças. Com isso, é possível perceber nessas reportagens o investimento em outras formas de fazer jornalismo que não seja apenas as expostas nos manuais de redação. Maneiras em que os repórteres se colocam, trazem opiniões e informações, realizam uma apuração e checagem intensas, possuem uma observação densa e participante, dispõem de maior tempo para realizar a reportagem e buscam uma convivência intensa com as fontes, inclusive secundárias (MORAES E GOUVEIA, 2018).

Portanto, a construção de um jornalismo que esmiúce temas de forma humana como a xenofobia, o racismo, a misoginia e o classismo pode e deve ser feito com objetividade e subjetividade. Mas não da mesma forma que se verifica na lógica capitalista e industrial de produção das informações. O que defendemos, assim como Moraes e Gouveia (2018), Marocco, Zamin e Silva (2019), é que não há a possibilidade do (a) repórter-autor (a) não se envolver, muito menos deixar-se afetar pelo campo. Partindo desse pressuposto, que se utilize a emoção e o encontro com o Outro como forma única de se deixar ser envolvido pelo universo da outra pessoa humana, sem exotificá-la. Prezar pelo encontro de semelhanças é não se colocar em uma visão colonizadora, na qual o repórter é “normal” e o Outro é “espetacular” e “diferente”.

Aqui, para além de contarmos uma história para outras pessoas, queremos conhecer as semelhanças que nos caracterizam como humanos, não as diferenças. É importante entender também o papel que esta última possui em nossa formação social e na manutenção das intolerâncias. Nesse sentido, quando se fala de diferença, trata-se de ouvir a mulher que sofreu violência doméstica ou assédio não pela condição de “furo”, o chamado valor-notícia. Mas escutar o seu relato enquanto sujeito histórico autônomo de seu tempo, com voz e força, para além do que a violenta, com a intenção de mudar as estruturas repletas de violações.

Eliane Brum, em entrevista concedida a Beatriz Marocco (2012), fala da importância de se aproximar do outro, desprovido de “*pré-conceitos*” sobre o que ele ou ela tenha a dizer. Na concepção de Eliane, o repórter deve tentar se esvaziar o máximo possível da sua própria realidade para entender a do próximo, livre de julgamentos. Essa é uma forma potente de usar a subjetividade na construção de uma reportagem, conforme reflete Eliane Brum na entrevista:

Como repórter, a gente tem dois instrumentos que são os mais importantes: que é o olhar e a escuta. Eu me coloco e me considero uma escutadeira da realidade. Hoje, inclusive, eu quase não faço perguntas. Claro, tem matérias e tem matérias, mas eu nos últimos anos comecei a perceber que as perguntas já são uma forma de controle. Então em geral quando eu consigo, chego para as pessoas e digo: “Me conta” e o que ela me conta primeiro e como ela me conta é uma informação importante que eu não saberia se eu tivesse feito a primeira pergunta. Porque a primeira pergunta já direciona. Mesmo a pergunta honesta ela já direciona, né? Tenho feito algumas experiências nesse sentido e tenho percebido como muda a apuração. (BRUM, 2011 apud SILVA, 2019, p. 270)

Para Moraes (2018), é essencial que os jornalistas entendam a diferença em **falar de** com **falar por**. Ao falar de, quebra-se estereótipos e discursos que mantêm as coisas como elas são e que devem ser questionadas. Além disso, criamos condições para trazer novas imagens de grupos que são marginalizados e desrespeitados nos discursos, ao passo que isso nos possibilita dialogar com essas pessoas. O jornalismo não dá voz às minorias, porque elas já têm, mas ecoa essas vozes, possibilitando inclusive que elas falem por si próprias. Segundo a autora, essa postura permite falar com elas, gerando atravessamentos e atritos importantes para o debate enquanto sociedade civil.

A partir dessas discussões, colocamos em questionamento a forma com que esses grupos à margem da sociedade, como as mulheres em situação de violência, têm suas realidades interpretadas pelo jornalismo. Nossa intenção é fazer parte de uma instituição que as retrate para além da exotificação, violência e repressão. Por isso, estudamos como o livro-reportagem ou livro de repórter contribui para a quebra de estereótipos nas narrativas femininas. Para cumprir essa missão ética, os (as) jornalistas se despiram de preconceitos e usaram o corpo, as emoções e os sentidos como guias na condução dessas histórias.

#### 1.4 Conferindo visibilidade aos invisíveis

Pensar em um jornalismo que enxergue os Outros e dê visibilidade a eles e elas é propor inicialmente um olhar crítico para as próprias práticas profissionais, a fim de responder a uma pergunta central: que postura os (as) jornalistas podem ter para evitar a exotificação e violência do Outro, mesmo que não intencional, em suas produções?

Ter em mente que o jornalismo, tal qual um discurso construído por meio de visões de mundo baseadas no machismo, racismo, classismo e outras problemáticas, reproduz estereótipos e violências, é o primeiro passo. Em segundo lugar, não esquecer que esse campo, apesar de não poder tomar posições explícitas, expressa em suas opiniões e reportagens ideologias e, portanto, lados que priorizam grupos sociais em detrimento de outros. E essa escolha é o que mantém discursos de ódio e promove essas ideias quanto aos povos originários, às mulheres e à população LGBTQIAP+.

Como exposto anteriormente, a união da objetividade com a subjetividade não só é possível na construção de um jornalismo que repense e renove suas práticas, como está sendo feita por jornalistas, homens e mulheres, analisados nesta pesquisa. Entender que tudo é político e, portanto, também o jornalismo, questionar os enquadramentos repetitivos na mídia e assumir o ativismo (MORAES, 2019) é uma das formas de se construir esse novo jornalismo, que respeite os Outros e Outras.

A produção de representações pouco integrais sobre pessoas, grupos e lugares presentes na mídia de massa deve ser questionada por todos os (as) jornalistas que formam opiniões por meio de suas reportagens. Para Moraes (2019), o jornalismo comercial e o ativista não precisam estar desconectados. É possível olhar para o Outro sem querer colonizá-lo, escutar o que ele ou ela quer dizer sem abandonar princípios como o rigor jornalístico, a objetividade e a apuração.

Em um movimento contrário, como pondera Moraes, o exercício de se colocar no texto e na experiência de um encontro com o Outro como um agente ativo na mudança da realidade, permite transportar o leitor ao local que o repórter fala. “Quem está filtrando aquela vida para leitores e leitoras não está apagado, ao contrário: está lá” (MORAES, 2019, p. 429). Por isso, a ação de desconstruir representações errôneas que o jornalismo costuma realizar acerca de minorias, se transforma também

em um compromisso ativo de mudar essas estruturas permeadas de preconceitos e acrítica dessas práticas preconceituosas.

Produzir jornalismo(s) que buscam se inserir nas discussões de raça, classe e gênero significa, como refletem os autores e autoras, acompanhar o movimento de diferentes identidades que emergem na vida contemporânea. E se o jornalismo deve falar dos assuntos que envolvem a vida social, não pode escolher virar os olhos para os Outros e Outras que surgem e que sempre estiveram aqui, sendo tratados pela régua da misoginia, violência e do racismo institucional e estrutural.

Não é possível continuar empregando molduras anacrônicas para dar conta de uma sociedade que também se repensa. Há algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos à sua volta em nome de uma isenção. (MORAES, 2019, p. 430)

Para Ijuim (2017), o jornalismo tem como missão humanizar, no entanto, o autor reflete que em muitas situações as práticas jornalísticas desumanizam grupos sociais. Para ele, essa necessidade se explicita quando 1) Caricaturiza o ser humano, 2) Ignora a complexidade do fenômeno e 3) Quando não reconhece o Outro. Por isso, concordamos com o autor que a humanização deve ser uma postura ativa dos (as) jornalistas em suas reportagens.

Um jornalismo que trata de fenômenos sociais como objetos, promovendo uma coisificação de grupos e pessoas, vai na contramão de uma prática comprometida com a demolição de desigualdades sociais. É preciso, como recomenda Ijuim (2017), que se critique a produção industrial do jornalismo na lógica capitalista que trata informações e personagens apenas como produto, e tem nessas abordagens uma postura de verdade absoluta.

O jornalismo precisa ser humanizado de tal modo que não pretenda retratar em sua totalidade os problemas sociais, mas que assuma uma posição de investigação não detentora da verdade, nos lembra o autor. Como aborda Ijuim, é necessário situar a apuração de temas sensíveis e polêmicos tais como eles se apresentam: complexos demais para serem retratados de forma irresponsável; relacionando as problemáticas como fenômenos sociais inseridos em interações materiais concretas que existem ali, e que as justificam.

Mas é preciso ressaltar que um jornalismo humanizado, subjetivo e que respeite o Outro, segundo destaca Ijuim (2017), é aquele que não têm medo de criticar sua posição de privilégio e responsabilidade na manutenção de preconceitos. Ou seja,

ousar tomar lados e construir uma ação profissional que respeite o Outro é assumir uma postura política de mudança da realidade e, portanto, o desmantelamento de práticas racistas, misóginas e machistas. É elaborar reportagens nas quais mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, em suas mais diversas identidades, não sejam violentados (as) em um sistema opressor. “Caracterizar o ser humano, não perceber a complexidade dos fenômenos e não reconhecer e não se comunicar com o Outro, me parece, são maneiras de não colocar o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística” (IJUIM, 2017, p. 242).

Neste capítulo, falamos acerca dos valores da subjetividade, do olhar sensível e respeitoso para com os (as) Outros (as), bem como da necessidade de uma postura ativa e crítica do (a) jornalista com o mundo. No próximo, traremos análises de como os (as) jornalistas Sérgio Maggio, Nana Queiroz e Adriana Negreiros construíram suas narrativas a partir da subjetividade, do respeito ao outro e superação de estereótipos. Sérgio, Nana e Adriana teceram ricas reflexões acerca de problemáticas em que eles próprios constituem o que observam; trazendo o corpo, a escuta e suas práticas singulares como fundamentais para a narração dessas histórias.

## 2 ANÁLISE: EM BUSCA DE UM OLHAR HUMANO

Para entender de que forma os livros-reportagem ou livros de repórter contribuem para a quebra de estereótipos que envolvem o universo feminino, é necessário apresentar quais métodos nortearam esta pesquisa. Por isso, decidiu-se por combinar dois deles para a realização da análise: a análise temática (AT) e a entrevista semi-estruturada (ESE). Em relação a primeira, entendemos a (AT) como:

[...] Análise Temática não é apegada a qualquer arcabouço teórico pré-existente e, por conseguinte, ela pode ser utilizada em diferentes quadros teóricos (embora não todos), e pode ser usada para fazer coisas diferentes dentro deles. (BRAUN & CLARKE, 2006, p. 81)

A análise temática (AT) é uma técnica de análise qualitativa e pode ser aplicada com uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas, por ser bem flexível. Ela se fez importante em um primeiro momento da pesquisa, no qual analisamos as categorias escolhidas que seriam observadas nos três livros selecionados como objetos dessa monografia, e que serão destrinchadas neste capítulo 2. A partir da leitura e do debate com os pesquisadores e pesquisadoras citados no primeiro capítulo, criamos quatro categorias selecionadas para analisar as obras *Conversas de cafetinas*, de Sérgio Maggio, *Presos que menstruam*, de Nana Queiroz e *A vida nunca mais será a mesma*, de Adriana Negreiros. Os conceitos e discussões quanto a cada uma das categorias abaixo foram expostos no capítulo anterior.

Quadro 1 – Categorias escolhidas para a análise

1. Humanização
2. Superação de estereótipos
3. Subjetividade e respeito ao outro
4. Visibilidade aos invisíveis

Fonte: Autora

Enquanto neste capítulo serão apresentados os resultados da análise das obras a partir dessas categorias, no próximo, o objetivo foi entender as posturas éticas dos jornalistas escritores. Analisou-se de que forma se deu o processo de aproximação com as personagens retratadas, levando em conta se, a partir do seu próprio olhar, os profissionais exercitaram a quebra de estereótipos para a humanização e escrita da narrativa. Outra intenção foi compreender como e porque

escolheram investigar assuntos delicados, que são envoltos em uma cobertura muitas vezes machista e preconceituosa pela mídia tradicional.

Para essa segunda análise, optou-se por utilizar a entrevista semi-estruturada (ESE), escolhida pois “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Para Manzini (2003), a entrevista semi-estruturada foca em um tema/assunto de acordo com um roteiro estruturado, complementado com outras questões inerentes à entrevista e que não seguem um padrão de respostas. Na entrevista semi-estruturada (ESE), fizemos quatro perguntas aos jornalistas entrevistados.

Quadro 2 – Roteiro para as entrevistas em profundidade

Roteiro - Linhas de Força	
1.	Como se deu o processo de aproximação com as personagens, no sentido de humanização da narrativa?
2.	Como você fez para escrever uma narrativa em que superasse estereótipos tanto no seu olhar sobre a questão quanto para narrar essa problemática?
3.	Você deve ter lidado com aspectos muito subjetivos ao longo da apuração e escrita. Como foi a sua atitude em respeito ao outro, às outras mulheres, em situação de violência?
4.	Como você entende o seu livro, no sentido de um jornalismo que lança um olhar sobre grupos e assuntos que são exotificados, invisibilizados e tratados com estereótipos na mídia cotidiana?

Fonte: Autora

Com isso, aliamos os dois métodos em busca de analisar as categorias que surgiram a partir da leitura das referências bibliográficas da área do livro-reportagem. Se no capítulo 2 destacamos trechos dos livros que conversam com a humanização, a superação de estereótipos, subjetividade e respeito ao outro e visibilidade aos invisíveis, no capítulo 3 são sistematizados os resultados das entrevistas com Sérgio Maggio e Adriana Negreiros, que falaram sobre as suas subjetividades, medos, anseios e práticas que os atravessaram na construção das narrativas. Assim, enquanto em um primeiro momento, a análise temática nos guiou (AT) como está sistematizado neste capítulo, em uma segunda etapa, a entrevista semi-estruturada (ESE) nos permitiu entender o que cada jornalista pensa, seus dilemas éticos e morais e a proximidade com os personagens que os confiaram à escuta.

Para o capítulo 3, idealizamos inicialmente a simulação textual de um debate entre Sérgio Maggio, Adriana Negreiro e Nana Queiroz. Todos os entrevistados e entrevistadas nos responderam, mas em razão de ter dado à luz há pouco tempo e

estar cuidando do filho recém-nascido na época da entrevista (julho 2022), a jornalista Nana Queiroz não conseguiu responder às nossas perguntas. Por isso, foram coletadas apenas os depoimentos de Sérgio Maggio e Adriana Negreiros.

A escolha dos livros utilizados nesse recorte se deu pela importância que reúnem quanto à cobertura de temas caros à vida das mulheres, como a violência de gênero, a prostituição e a condição degradante que elas enfrentam nos presídios brasileiros femininos. Ao escolher duas jornalistas do sexo feminino, Nana Queiroz e Adriana Negreiros, podemos entender, já nas evidências dos próprios textos de suas obras, como elas se despiram de medos e preconceitos ao entrevistar outras mulheres que passaram por situações de vulnerabilidade e crueldade. Já a escolha do escritor nordestino Sérgio Maggio justifica-se pelo fato de termos condições de também observar a prática de um jornalista homem quanto à cobertura de problemáticas femininas.

Com exceção de *Presos que menstruam*, as outras duas obras ainda não haviam sido estudadas no universo da humanização e livro-reportagem. No capítulo 1, falamos um pouco sobre o que cada livro investiga, por isso, não nos repetiremos. Nesta pesquisa, temos jornalistas de três lugares e gêneros distintos que adentraram no universo dos livros de não-ficção, cobrindo problemáticas a partir de uma visão mais humana no jornalismo.

## **2.1 Vozes que emprestam o olhar ao comum: Sérgio Maggio**

O jornalista, diretor, crítico e dramaturgo baiano Sérgio Maggio é movido pela curiosidade pelo outro desde um pouco antes de 1996, quando concluiu o curso de jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e apresentou como conclusão de curso o livro-reportagem *Conversas de cafetinas*, um dos objetos de estudo dessa pesquisa. Atuando no jornalismo cultural desde 1993, Sérgio tinha uma profunda curiosidade acerca daquilo que era místico em sua imaginação: as famosas “donas das casas” de prostituição de Salvador, conhecidas popularmente como cafetinas. Com a ajuda de pesquisadores da Antropologia e do curso de Jornalismo da UFBA, iniciou um processo de escuta atenta e imersão naquele universo que o garantiria, mais tarde, o prêmio Jabuti, em 2009.

Posteriormente, no mestrado, Maggio estudou os desafios da crítica teatral contemporânea na Universidade de Brasília (UNB) e trabalha, desde então, com a

direção de peças teatrais, emprestando o olhar e criação para personagens ousados e ignorados, como as cafetinas do interior da Bahia. Em *Eros impuro*, marco em sua carreira, tratou sobre o abuso infantil e percorreu 17 estados brasileiros. Já *Duas gotas de lágrimas no frasco de perfume* abordou o sentimento de mães de presos políticos desaparecidos. *L, O musical*, falou sobre relacionamentos homoafetivos entre mulheres. Outra peça bastante conhecida foi *Eu vou tirar você deste lugar – as canções de Odair José*.

Além da produção dramatúrgica, o jornalista também passou por veículos como *Correio Braziliense*, *Correio da Bahia* e trabalhou como chefe da Assessoria de Comunicação da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. As produções de Sérgio e sua atuação tanto no jornalismo quanto em peças teatrais denota o interesse do autor quanto ao diferente e o comum, sem exotificar os personagens estudados.

### **2.1.1 Uma voz ativa pelo feminino: Nana Queiroz**

Mariana Lucena Queiroz é escritora, educadora de gênero, jornalista e roteirista. Em 2014, ficou nacionalmente conhecida ao criar a campanha “Eu não mereço ser estuprada”, em protesto a uma pesquisa feita na época pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea), segundo a qual 65% dos entrevistados (as) concordavam que mulheres que deixavam o corpo à mostra e usavam roupas curtas, mereciam ser atacadas. Ao ver o resultado da pesquisa, Nana ficou bastante incomodada e resolveu tirar uma foto na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, sem a parte de cima e com os braços cobrindo os seios, com os dizeres que viraram o título do protesto. Mais tarde, o Ipea se retratou e publicou que o resultado era o contrário, mas o incômodo já estava posto.

Formada em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB) e especialista em Marketing Digital pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Nana Queiroz é uma jornalista que se propõe a investigar as alteridades sem apelar para o estereótipo. Autora de *Presos que menstruam* (2015), objeto de estudo desta pesquisa, ela também escreveu *Eu, travesti – memórias de Luísa Marilac* (2019),

biografia da ativista nomeada no título, coescrita com Nana, e que virou seu segundo livro mais vendido.

Além dessas duas obras de não ficção, escreveu também *Você já é feminista* e *Os meninos são a cura do machismo*. Participou da direção e fundação da Revista *AzMinia*, referência em jornalismo feminista no Brasil, que trata de assuntos como descriminalização do aborto e violência de gênero, além de ter sido finalista no Troféu Mulher Imprensa em 2016 e 2018, liderando a equipe premiada como Melhor Projeto Jornalístico para Mulheres em 2017. Já trabalhou em publicações como *Correio Braziliense*, *Época*, *Galileu* e *Veja*. Em paralelo à atividade de jornalista, Nana Queiroz é palestrante e usa suas redes sociais para falar sobre política, maternidade e feminismo.

### **2.1.2 Da dor do íntimo, o compromisso social: Adriana Negreiros**

Adriana Negreiros nasceu em São Paulo, mas possui alma e raízes nordestinas, visto que se mudou para Fortaleza ainda criança com os pais. É formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em Filosofia Política pela Universidade do Minho e até o momento de nossa entrevista, em julho de 2022, concluía sua tese de doutorado. Com grande interesse em estudos sobre comunicação, violência, sexualidade e história das ideias, iniciou a carreira no jornal *Diário do Nordeste* e trabalhou por mais de uma década na Editora Abril, com passagens pelas revistas *Veja*, *Playboy* e *Cláudia*, além de contribuições na revista *Piauí*.

Em 2018, instigada pelas memórias da avó ao contar sobre como a sua cidade natal, Mossoró, no Rio Grande do Norte, combateu o bando do cangaceiro Lampião no início do século XX, Adriana lançou *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. O objetivo da obra era desmistificar a imagem e a história de Maria de Déa, conhecida como a mulher de Lampião. Trata-se de um relato forte sobre a vida de Maria Bonita e outras cangaceiras do grupo, revelando o machismo e a opressão vividos naquela época. As mulheres respondiam a homens tidos como superiores a elas e sofriam violência caso trássem seus maridos, o que indica uma realidade

bastante complexa, e nada glamorosa sobre a sua história no cangaço. Com esse livro, foi finalista do Prêmio Rio de Literatura.

Em 2021, Adriana Negreiro voltou às livrarias com a obra *A vida nunca mais será a mesma*, que venceu o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) em Literatura, na categoria Ensaio. Nesse terceiro livro analisado por essa pesquisa, a jornalista parte de um relato pessoal e doloroso para falar sobre a violência de gênero no Brasil e a cultura do estupro. O foco que guia a narrativa é um episódio que aconteceu em 2002, quando Adriana sofreu um sequestro relâmpago no estacionamento do shopping Eldorado, em São Paulo, seguido de um estupro.

Uma vez apresentados as e o jornalista(s) e suas obras que estão em estudo, nos próximos tópicos, faremos a discussão das categorias de análise definidas a partir da revisão de literatura debatida no primeiro capítulo.

## **2.2 A postura humana como ponto de partida em narrativas femininas**

Olhar para o outro de forma mais humana é um desafio que nos coloca frente a nós mesmos. “O que é que o outro tem que me incomoda, e porquê isso diz mais sobre mim do que ele ou ela?” No jornalismo, buscar ter uma postura humana diante das alteridades, do diferente e do que se encontra à margem, é dever de quem pretende jogar luz às grandes questões do nosso tempo, que se encontra nessa tarefa de ser humano. Exige olhar para o que nos constitui enquanto ser social neste mundo, bem como estabelecer mudanças e, muitas vezes, incomodar. Como diz Ijuim (2017), o jornalismo tem como principal missão humanizar: colocar o ser humano como ponto de partida e chegada em tudo que faz.

Quando Sérgio Maggio buscou entender, em *Conversas de cafetinas* (2009), a realidade daquelas mulheres do interior da Bahia em meados dos anos 1990, descobriu logo no início que elas não gostavam de ser chamadas de cafetinas, mas sim de “donas de casa”. O repórter teve essa percepção ao se abrir para o mistério contraditório que é o outro, e colocou a questão de forma humana em sua escrita. Sérgio não procurou nomeá-las, mas deixou que elas mesmas o fizessem. No trecho abaixo, fica visível a postura do jornalista de escuta e respeito à história de Ginna. Como reconhece Ijuim (2017; 2021), a postura de humanização no jornalismo acontece quando o repórter não julga o outro como bom ou mal, errado ou certo, provocando uma diferenciação entre si e o outro. Nessas linhas, Maggio (2009) se

propõe a ouvir como um espectador assiste a uma peça de teatro, disponível ao que o entrevistado se permite mostrar.

GINNA saiu hippie de Brasília e, no meio do caminho, virou prostituta. Fez carreira em Salvador, acumulou dinheiro e montou o próprio castelo. Garante ser boa filha. Mãe extremosa, é fascinada pela liberdade, o prazer, a música de Raul Seixas e a velocidade dos trens. No seu bordel, a imagem estonteante da Baía de Todos os Santos invade as janelas do salão e disputa a atenção com as meninas. (MAGGIO, 2009, p. 11)

Em *A vida nunca mais será a mesma* (2021), Adriana Negreiros buscou nos clubes de leituras de mulheres os relatos que ajudariam a jornalista a contar a sua história e a de outras personagens. As interessadas escreveram para Adriana seus relatos enquanto vítimas da violência de gênero e cultura do estupro no Brasil. No texto abaixo, Negreiros (2021) olha para a história de Gisele com respeito e humanização. Ao descrever um sentimento causado por um estupro e a violência da sociedade com as mulheres, contextualiza a dor da personagem em um local importante de ser discutido: a cultura de ódio, violência e dor direcionada às mulheres que sobreviveram a essa agressão extrema. Como entende Ijuim (2017; 2021), Adriana compreende e passa para o texto a complexidade da violência que Gisele sofreu e que ainda sofre ao estar em um casamento, não por ter escolhido, mas por se sentir pressionada a mantê-lo, para ser aceita aos olhos da sociedade preconceituosa. Assim como o fato de ter sido estuprada e ter seus direitos e sua vida roubados de si mesma, passando para coadjuvante dos seus desejos.

Para Gisele, era o bastante. Finalmente, depois de passar anos lidando com a vergonha por ser uma jovem mãe solteira, pertencia a um núcleo familiar, podia dizer que Elisa tinha um pai. Sentia-se, conforme suas próprias palavras, quite com a sociedade. Naquela época, não lhe ocorria que a condição que tanto a embaraçava - mãe jovem e solteira - decorria de um crime do qual fora vítima. (NEGREIROS, 2021, p. 89)

Nana Queiroz, por sua vez, em *Presos que menstruam*, escolhe ouvir as mulheres encarceradas nos presídios femininos pela ótica de gênero. A postura da jornalista indica um cuidado ao se aproximar das personagens, entendendo os lugares diferentes que as constitui, mas buscando, acima de tudo, eliminar os preconceitos e as hierarquias existentes na posição repórter-entrevistada. Para ouvir essas mulheres, Queiroz (2015) não precisava reproduzir as inúmeras violências que elas já sofreram.

A empatia, o respeito à alteridade, a confiança e a não exotificação permitiu uma troca sincera entre ela e as personagens.

Seu corpo internalizou a obediência, os olhos não. E eles me olham a fundo, insolentes, me encarando, me despindo, como se ela tivesse a certeza de que se submetia por vontade própria e não porque era de alguma maneira inferior - eu também devia ter crimes pessoais dos quais me arrependia - e ela podia ver nos meus olhos que éramos iguais. (QUEIROZ, 2015, p. 22)

Ao se aproximar da personagem Saiana, assim como a de outras “donas de casa”, Maggio (2009), por seu lado, precisou primeiro se “despir” do ser jornalista, para ganhar a confiança das mulheres. Entrou pedindo licença, observando. A intenção ali era de aproveitar o encontro, e não dar um “furo”. No trecho abaixo, o jornalista fala um pouco sobre a personalidade e os desejos de Saiana, resumindo ao leitor algumas das lutas que a personagem travou, de menina pobre do interior da Bahia, para a dona de casa que gerenciou e se tornou uma lenda com o seu bordel “Boate dos Amigos”. Aqui, o autor não cai em uma caricatura do que seriam as cafetinas, mas traz ao público as histórias que constituem a lenda-viva Saiana. Mulher, amante, dona do “brega” (como são chamadas as casas de prostituição naquela região) e guerreira. Naquela época, visto que a entrevista aconteceu nos anos 1990, a conjuntura era outra. A mídia ainda cobria com certa exotificação e preconceito a vida das cafetinas e prostitutas no Brasil – quando havia espaço para tal, e as histórias das mulheres que estavam inseridas nesta realidade eram abafadas. Em sua escrita, Sérgio Maggio dá ao outro a possibilidade de existir em seu texto jornalístico, para além de caricaturas.

Por trás das confusões dessa mulher em carne viva, estavam histórias de amores. Saiana fala com prazer dos homens com quem dividiu o corpo. Como prostituta, percorreu o Brasil e embarcou em navios estrangeiros. Como cafetina, escolheu os amantes oficiais e viveu paixões, casos e amores. (MAGGIO, 2009, p. 53)

No jornalismo, existem vários gêneros textuais como notícia, reportagem, artigo e entrevista. Estes são usados quando os jornalistas querem abordar questões de formas e objetivos diferentes. É possível que se busque posturas cada vez mais humanas em qualquer texto que se escreva, mas o livro tem essa oportunidade de deixar cravado em tantas páginas a complexidade das emoções e dos fenômenos. Pode contar com calma uma história no ritmo exato em que a personagem se sente

pronta. Em *A vida nunca mais será a mesma* (2021), Negreiros costura memórias de violências que as pessoas querem superar, acima de tudo. A marca de ter sofrido violência doméstica, abuso sexual e misoginia a vida toda desaparece da vida das mulheres até mesmo com a melhor terapia? Não, mas é uma forma de tentar recuperar a sua autonomia enquanto sujeitas de suas próprias histórias. É se entender como uma mulher que sofreu uma violência, mas tentar não se limitar apenas a esta abordagem.

No trecho abaixo, a jornalista fala com muita sensibilidade sobre o processo de desumanização que ela mesma vivenciou após ter sido violentada. A esperança é a de acalantar a si mesma, de buscar respostas para um trauma que tem origem na guerra que as mulheres vivem por serem mulheres. Depois do acontecido, vem o exame de corpo de delito, as perguntas de como as vítimas estavam vestidas, o coquetel de remédios para tomar, a ansiedade, o trauma e a desconfiança, até mesmo do parente mais próximo. Todos esses sentimentos fazem parte da mulher violentada, e a primeira ação que se tem é a de se desumanizar no processo. E a culpa é um sentimento reservado somente às mulheres.

Comparar-me a um objeto, a um automóvel, a um troço sem vida e com preço significava me desumanizar por completo. Mas, ainda que esse não fosse um movimento consciente, eu estava entrando num processo de coisificação do meu próprio corpo, certamente na esperança de me convencer de que uma violência sexual não era lá esse drama todo. Foi só um estupro, faz de conta de que foi uma transa ruim, eu dizia para mim mesma. (NEGREIROS, 2021, p. 126)

Ao buscar conhecer as histórias das mulheres encarceradas, Queiroz (2015) tentou enxergá-las para além da situação em que elas se encontravam. A partir de uma ótica feminista, fator notável em sua abordagem, Nana denunciou a violência doméstica, o machismo e a pobreza que muitas daquelas mulheres tinham em comum. Se o papel do jornalismo é humanizar, Nana as retratou como mulheres humanas dentro de um contexto social. No trecho abaixo, a jornalista fala da história de Safira. Mulher, preta e periférica, vivia em uma realidade de miséria. Encontrou no crime e no casamento uma espécie de fuga da fome e pobreza, realidade de muitas meninas que se casam ainda crianças. Segundo relatório da ONU de 2020, uma a cada quatro meninas se casa antes dos 18 anos no Brasil. A média mundial é de uma a cada cinco. Os valores patriarcais, a pobreza extrema, gravidez e fuga de abusos em casa são alguns dos motivos para isso acontecer.

A realidade violentou suas expectativas e sua inocência. Safira acabou procurando exatamente o tipo de homem que reproduzia o lar no qual ela tinha crescido. Na primeira vez em que ele a acertou com tapa na cara, três meses após a mudança, Safira era ainda uma menina. Como menina, perdoou, e como mulher, insistiu na relação. Relevou as traições, as bebedeiras, as pancadas, os sumiços, as humilhações. Refugiava-se na infância para reconstruir o conto de fadas. Apoiava-se na força de mulher para resistir à violência. Ia e vinha entre os dois lados de si mesma. (QUEIROZ, 2015, p. 25)

Os exemplos citados acima mostram que a postura humana é o ponto de partida e chegada para a realização do trabalho jornalístico pelos autores e autoras analisados. Garantir o direito à imagem, à privacidade e honra dos entrevistados (as) é o que coloca o jornalismo como um mecanismo de respeito à história dos outros e outras. Reconhecer e ouvir, não coisificar ou exotificar, ser empático e buscar ter um olhar crítico para as situações que se apresentam (IJUIM, 2017; 2021), são posturas seguidas por Nana, Sérgio e Adriana, como constatou esta pesquisa.

### **2.3 O uso dos sentidos na desconstrução de estereótipos**

Para além de uma postura humanizada, buscar a superação de estereótipos muitas vezes encontrados em práticas jornalísticas e na mídia tradicional também é uma ação importante nas condutas profissionais. Em *Conversas de cafetinas*, é possível identificar o uso da subjetividade como traço imprescindível na construção da narrativa e imersão nas histórias de vida de cada “dona de casa”. Maggio (2009) utiliza a perspectiva do feminino como elemento basilar em sua obra (MAROCCO e VEIGA DA SILVA, 2019; 2021). No trecho abaixo de seu livro, o autor supera estereótipos ao permitir que a personagem apresente a sua vida e as razões que a fizeram entrar no mundo da prostituição. Faz o leitor refletir que tal escolha pode ser genuína ou não, e que as razões que levam uma mulher a entrar na prostituição podem ser várias e subjetivas. Apesar de existirem em contextos, os seres humanos são complexos. A personagem então revela que saiu em busca de aventuras e vivências, o que a levou ao lugar de cafetina.

Com 18 anos, eu conheci um grupo de hippies na porta da Torre de TV, em Brasília. Dias depois, coloquei uma mochila nas costas e parti em busca de aventura. Eu não saí de Brasília para ser uma prostituta. Isso surgiu na minha vida como uma consequência. (MAGGIO, 2009, p. 17)

Negreiros (2021), ao seu modo, costura a história do seu livro a partir da tecitura de muitas outras mulheres que também compartilham dores em comum. Para além desses relatos, introduz como pano de fundo os retrocessos e avanços de leis no que concerne aos direitos das mulheres. Compartilha casos famosos da mídia e põe em debate a responsabilidade que as revistas da época, como os ensaios da *Playboy*, contribuíam para o imaginário social de que as mulheres eram apenas “produtos” a serem consumidos pelo público masculino. Ao falar sobre o seu estupro, se coloca não só como jornalista, mas como uma mulher que possui profundos traumas. Por isso, Adriana traz para a narrativa a perspectiva feminina no jornalismo: ousa nomear, expor suas fragilidades e, principalmente, suas feridas.

Ao fazer isso, cria uma conexão para além de uma relação profissional com as entrevistadas. Constrói pontes indestrutíveis, tece redes inquebráveis. Adriana Negreiros supera estereótipos ao construir em seu texto um novo tipo de resistência. A quantidade de força que é exigido de uma mulher para que ela seja submissa numa situação de violência é, na verdade, um ato que objetiva sobreviver. Se os homens utilizam a força física, é exigido das mulheres que se use algo que beira ao sobrenatural para se manter viva.

Em um estupro, quando a mulher é submissa e faz tudo o que o estuprador manda, na verdade ela está lutando com ferocidade. Porque sabe, de forma intuitiva, que lutar contra o pavor, o nojo, a dor e a humilhação é talvez a única maneira de escapar da morte, e o medo de morrer se impõe a todos os outros. Não lutar corporalmente e, em vez disso, ceder, ser até simpática e cordial com o bandido pode parecer um comportamento covarde e complacente, mas no fundo é um ato de valentia. (NEGREIROS, 2021, p. 127)

Escrever um livro sobre mulheres encarceradas no Brasil é uma tarefa que exige a superação de estereótipos partindo principalmente da própria prática jornalística. Quem são elas? Qual a cor e a classe? Qual o contexto em que essa mulher vivia? O que ela tem a dizer a respeito da sua história? São algumas das perguntas que Queiroz (2015) precisou ao menos formular para pensar no trabalho que se propunha a fazer. Falar sobre essas mulheres exige uma responsabilidade que só o jornalismo comprometido com o respeito ao outro possui. Mulher negra e periférica, Safira saiu de casa aos 14 anos, e desde criança já trabalhava para ajudar com qualquer quantia em casa. Foi colocado sob as costas de uma criança a responsabilidade de crescer antes do tempo e a urgência de se manter sozinha. No

trecho abaixo, Nana constrói a história de Safira não só pelos crimes que a caracterizam, mas como uma menina-mulher, privada de direitos sociais, que apanhou não só da família, mas da vida, e foi necessário que ela sufocasse os sonhos para sobreviver às regras do sistema.

Apanhava e sofria humilhações da mãe e do padrasto, que eram pessoas massacradas pelo peso de suas vidas. Guardava essas desavenças em uma caixinha à qual dava pouca importância e pegava pó no canto de sua memória. No tempo que sobrava entre as surras, o trabalho e os serviços domésticos, sonhava com amores e carinhos. Era o tipo de garota que passava as tardes de domingo lavando a louça ao som de fitas gravadas em casa com músicas românticas que tocavam nas rádios. (QUEIROZ, 2015, p. 24)

Em obras como *Conversas de cafetinas*, é possível perceber como a aproximação com o outro é ofício tortuoso, porém gratificante. Contar a história de alguém se transforma em grande responsabilidade quando esbarram em preconceitos, famílias, amores e sonhos. Veiga, Zamin e Silva (2019) veem no livro de repórter uma oportunidade importante do autor ou autora criar uma nova prática jornalística que critique a sua própria e as demais e que construa novas alternativas. Em seu livro, Maggio (2009) faz uma diferenciação que vem das próprias cafetinas ao não se denominarem com esse nome, mas sim “donas de casa”, algo que remete ao cuidado familiar. A relação muitas vezes conturbada, hierarquizada e abusiva entre as cafetinas e prostitutas também esbarrava nas histórias de mãe e filha. Contatos que não escapavam da inveja, também, mas que circulavam em afetos e, por isso, não poderiam apenas ser caracterizados como uma mera relação entre cafetina e prostituta. Saiana não era uma simples cafetina, era dona do brega; um mundo particular daquela realidade dos anos 1990 na Bahia.

Todos os caminhoneiros que passaram por essa região sabem quem é Saiana. Ela não é cafetina. Ela é uma dona de brega - diferencia Cícero, um profissional da estrada que conheci numa casa de prostituição da Montanha. (MAGGIO, 2009, p. 47)

Ao falar sobre mulheres que sofreram violência de gênero, Negreiros (2021) toca em uma questão importante de ser discutida: os estupros “corretivos” sofridos por mulheres lésbicas. A história de Amanda, uma delas, é atravessada por violências como o machismo e a lesbofobia. Foi estuprada pelo tio quando adolescente e teve o seu depoimento desacreditado pela mãe. O caso se enquadra no estupro corretivo,

que acontece quando a pessoa (geralmente um homem cis hétero) que comete o crime, o faz com motivações preconceituosas, por conta da orientação sexual da vítima, a fim de ensinar uma “lição” como “gostar de homens”. Adriana supera estereótipos ao nomear a violência que a vítima sofreu, pautando de forma sensível o caso de Amanda.

O drama dos chamados "estupros corretivos" em mulheres lésbicas tinha pouca visibilidade em 2010, ano em que Amanda foi violentada pelo esposo da tia. Ela demoraria algum tempo até se dar conta de que a agressão da qual fora vítima representava também uma expressão de homofobia. Em um primeiro momento, internalizou a versão segundo a qual fora castigada por exibir o corpo. Em outras palavras, a confirmação de um vaticínio: na família, cansara de ouvir que mulheres corajosas o bastante para usar shortinhos, minissaias e decotes estavam pedindo para ser estupradas. (NEGREIROS, 2021, p. 207)

Dentre as inúmeras histórias contadas por Queiroz (2015), uma tinha como pano de fundo os direitos dos povos indígenas, algo presente na Constituição brasileira de 1988, mas nem sempre seguido pela lei. Glicéria Tupinambá, importante liderança de uma das 22 aldeias da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia, sofreu repressão policial e foi presa com o filho de dois meses no colo, em 2010. Na prisão, sofreu tortura e violência por parte dos policiais. Quanto ao seu povo, já sofrem com a mesma repressão há pelo menos 500 anos. Naquela época, Glicéria e seus companheiros e companheiras lutavam pelo processo de demarcação de cerca de 47 mil hectares que a Funai já havia reconhecido. Em seu livro, Nana Queiroz traz a resistência dos povos indígenas para suas páginas e a importância para eles da luta coletiva. Estavam todos unidos em um corpo só, e nem o Estado brasileiro poderia passar por cima disso.

Não tem novo cacique, Babau é nosso cacique. Cacique só serve é para tomar processo. Querem prender toda a família para ver se conseguem enfraquecer a comunidade? Se deram mal. A comunidade da gente não é uma pessoa. Não é uma pessoa que faz retomada, é todo mundo, a criança desde pequena já é guerreira. (QUEIROZ, 2015, p. 109)

Se tratando da superação de estereótipos, é perceptível que os/as jornalistas adentraram em outros mundos a partir da criticidade de suas próprias práticas jornalísticas e tendo o respeito como força motriz. Nas três obras analisadas por essa pesquisa, torna-se visível a importância com que os (as) jornalistas se despiram de preconceitos para falar de tantas realidades complexas presentes em diferentes

“Brasis”: aquele que é percebido quando se propõe a enxergá-lo, de fato. O uso da subjetividade, sensibilidade, escuta e não hierarquização das relações permitiu que os (as) jornalistas conquistassem a confiança de suas entrevistadas, e isso é vital na construção de novos valores e práticas.

#### **2.4 Subjetividade em foco: é preciso se colocar com emoção**

Para construir um jornalismo ético, é preciso pensar em ações que se traduzam em práticas respeitadas na conduta jornalística. A subjetividade e respeito ao outro é parte indissociável desse feito. Quando Maggio (2009) decide construir um livro que fala sobre a experiência de mulheres cafetinas, é importante que haja uma recusa a modelos de existência previamente estabelecidos (MORAES e GOUVEIA, 2018). No trecho abaixo, o jornalista conta a jornada de Nini, que, após atuar vários anos como cafetina, decidiu traçar o caminho inverso e constituir uma nova forma de família. Nesse destaque, Sérgio Maggio relata a história dessa mulher sem a exotificar nem tratar com certos preconceitos e violências a qual esse grupo é associado.

Nini é uma mulher que decide mudar a sua história, amar e viver novas experiências. E o jornalista Sérgio Maggio consegue compreender os elementos comuns em uma trajetória que decide mudar de rota. Aqui, não há julgamentos morais no texto do jornalista. O sujeito que se investiga é um ser de desejos genuínos que merece descobrir novos prazeres.

Com o dinheiro que arrecadou em um ano de bordel, Nini fechou o ciclo na prostituição. Partiu para reconstruir outra vida. Montou uma pensão para atender à demanda de industriários que trabalhavam na região. Adotou três crianças na tentativa de formar uma família. E buscou, pela primeira vez, escolher um homem para amar. (MAGGIO, 2009, p. 77)

No livro *A vida nunca mais será a mesma*, Negreiros (2021) utiliza a subjetividade como marca presente em sua escrita. Ao destrinchar os sentimentos que as mulheres sofrem ao vivenciar um estupro, se coloca com emoção na narrativa. Cria uma prática autoral (VEIGA, ZAMIN E SILVA, 2019) que se torna o ponto chave da obra. Além disso, expõe com sensibilidade o processo de desumanização que o trauma provoca (MORAES e GOUVEIA, 2018). No trecho abaixo, coloca em questão a hierarquia de poder em que os homens se encontram acima das mulheres em nossa

sociedade. E discute como as mais terríveis violências deixam marcas ainda mais profundas que não são vistas sob o olho humano. Ao falar não apenas sobre o estupro que sofreu, mas a respeito dos conflitos psicológicos, abre discussões profundas que despertam reações nos (as) leitores (as).

Esse medo insuportável e onipresente tirou a minha liberdade. Um homem que estupra uma mulher tira-lhe a liberdade para ser o que ela é. O estupro oprime, enfraquece, e é um bocado desconcertante pensar que um homem tem tanto poder sobre uma mulher, e o exerce tanto, e sobre tantas delas, ao passo que as mulheres não exercem esse mesmo poder em relação aos homens. (NEGREIROS, 2021, p. 114)

De forma semelhante, em *Presos que menstruam*, Queiroz (2015) se coloca no texto permitindo que o (a) leitor (a) identifique de que ponto a autora parte na narrativa. É muito importante perceber a jornalista partilhando sobre os processos que envolviam os bastidores das entrevistas. No trecho abaixo, ela reflete sobre os desafios de marcar na memória os encontros com as entrevistadas, visto que as penitenciárias tinham algumas restrições quanto ao que a jornalista poderia trazer consigo. Nana guardava na cabeça as informações, o ambiente e o sentimento que aquelas mulheres carregavam. A jornalista utiliza a subjetividade e a memória, principalmente, como condução principal da narrativa, como quando confessa ao leitor que ao fazer determinada visita, estava impedida de usar os aparatos jornalísticos, como a câmera fotográfica ou o gravador. Mesmo assim, isso não impediu que a jornalista realizasse uma apuração e checagem intensas, sem exotificar as entrevistadas. Ainda no destaque abaixo, a autora confirma uma convivência constante e íntima com as fontes, mostrando que a subjetividade não é impeditivo de uma prática menos objetiva e responsável com o outro (MORAES e GOUVEIA, 2018).

Mesmo quando consegui autorizações oficiais, nunca me foi permitido levar câmeras ou gravadores e tive que desenvolver uma memória robusta. Muitas vezes, deixava o presídio repetindo frases em sussurros, feito ave-marias, para não esquecer exatamente como foram ditas. (QUEIROZ, 2015, p. 15)

Embora a rivalidade seja traço corriqueiro em muitas das histórias, Maggio (2015) nos leva para um outro universo da convivência entre as cafetinas e prostitutas. Para muitas das “donas de casas”, as meninas que trabalhavam nos bordéis eram como família, já que havia cuidado e conselho entre as mulheres. No trecho abaixo, Sérgio resgata um sentimento muito importante na convivência entre elas: uma

sensação de pertencimento e defesa umas das outras. No meio de conflitos, programas e brigas, resistia naquele mundo em particular uma união entre as diferentes personagens. Se a prostituição é um tema polêmico que esbarra em réguas morais quando discutida em nossa sociedade, se olhada de perto, a situação beirava a uma grande família, como muitas outras configurações presentes no mundo. Por meio de sua narrativa, Sérgio Maggio nos permite enxergar com binóculo os diferentes seres humanos por trás de uma história que tem como tema a prostituição. Para além de cafetinas e prostitutas, o livro-reportagem apresenta o relato de diferentes mulheres que pegaram rotas diversas mas acabaram se encontrando. Algumas viraram lendas, outras tiveram fins trágicos, ou fecharam tudo e resolveram se casar. O mais interessante na história são justamente as diferentes perspectivas de mundo.

“Se você não usar a amizade, você trupica (tropeça) e cai. Tem que saber tratar as pessoas. Gente não é bicho. Eu vivo das mulheres, e elas vivem de mim. Se alguma adoecer, tem que dar um médico. Dou mais carinho a elas que aos meus filhos. Vivo mais aqui e quase nem vou em casa”. (MAGGIO, 2009, p. 96)

O processo de compreender o trauma que se viveu é bastante doloroso, porque significa reviver o sofrimento. Adriana Negreiros conta a sua história e a de outras mulheres da maneira mais crua possível, de forma que o terror de uma violência como vítima de estupro não escape de nenhuma maneira ao leitor (a). No trecho abaixo, a autora partilha um sentimento que é comum entre as mulheres vítimas desse crime: o processo de desumanização que a sociedade e a própria vítima realiza consigo mesma. De que outras maneiras uma mulher pode ser vista após um estupro se a única coisa que a caracteriza a partir disso passa a ser o crime que sofreu? Elas têm sua própria subjetividade negada e ainda são exotificadas pelo olhar dos outros. Em seu livro, Adriana questiona essa relação e diz ao mundo o que uma mulher pensa. Como parte do assunto que investiga, a jornalista não precisa se distanciar de suas fragilidades para contar uma história com rigor e profissionalismo. E essa é uma das grandes experiências que os (as) leitores (as) têm ao acessarem o livro.

De repente, para o outro - no meu ponto de vista -, eu não era mais jornalista, mulher, nordestina, Adriana. Eu não tinha um passado, era simplesmente a "estuprada", toda a minha identidade sumia nessa palavra desgraçada e horrorosa, e me imaginar sendo vista pelas lentes da compaixão, ou de um certo exotismo, era sufocante. (NEGREIROS, 2021, p. 137)

A subjetividade e respeito ao outro também é um traço presente na obra de Queiroz (2015). Ao falar sobre a história de Gardênia, uma mulher que foi presa e torturada com um filho no ventre, expõe as variadas faces da sua trajetória, caracterizada para além dos crimes que cometeu. No trecho abaixo, a jornalista respeita o outro ao dar visibilidade a grupos que são oprimidos na mídia – como as mulheres encarceradas, e destrincha uma realidade de muita violência, misoginia e machismo enfrentadas por elas nas prisões. Encarceradas por crimes que envolviam o parceiro e a dura realidade em que tentavam sobreviver, Nana Queiroz enxerga verdadeiramente o elemento humano em sua entrevistada. Repensa sobre estereótipos em sua prática a partir do encontro com o outro (MORAES e GOUVEIA, 2018) e respeita a integridade de Gardênia. No trecho em destaque, é possível verificar o cuidado com que a jornalista se preocupa ao falar e contar a história de Gardênia, que se mostrou receptível ao interesse de Nana.

Uma vez liberta, voltava a traficar. Era o que sabia fazer. Nunca perguntei se ela tentou outra coisa da vida, pois acho que interpretaria a pergunta como de mau gosto. Na cadeia, mostrava que tinha desenvolvido outras habilidades. Era uma faxineira caprichosa e podia fazer unhas de outras detentas bem o suficiente para, eventualmente, conquistar algumas guardas na clientela. Lá fora, porém, ela não se satisfazia com o ganho que advinha desses ofícios - nem seu vício, nem o estômago da molecada. (QUEIROZ, 2015, p. 33)

A partir da leitura desses trechos, se encontra bastante claro o cuidado que os três jornalistas possuem com a narrativa, colocando o ser humano como ponto de partida e chegada. A criticidade a respeito de suas próprias práticas, o cuidado e respeito com o outro, se traduzem em relações poderosas testemunhadas nos três livros estudados. O que se verifica nessas obras é fruto que vai além de uma relação profissional – repórter e entrevistadas -, mas um diálogo marcado pela empatia e interesse pelo outro e outras.

## **2.5 Pode o jornalismo invisibilizar alguém?**

É possível humanizar o jornalismo sem dar visibilidade aos “invisíveis?”. Nesta pesquisa, entendemos que a missão do jornalismo é a de valorizar o elemento humano em todas as coisas que faz (IJUIM, 2017). Mas, para tratar de problemas

sociais e estruturais, o jornalismo precisa falar do que está à margem e é violentado pelo sistema capitalista. O racismo, a misoginia e o classismo são violências que só existem por conta do capitalismo, e esse sistema se utiliza dessas opressões para funcionar plenamente.

Em *Conversas de cafetinas*, o universo das donas de casa é construído com bastante realidade a respeito das dificuldades da profissão e as violências que a atravessam. As mulheres entrevistadas encontraram nesses locais uma forma de viver, ganhar dinheiro e também amores. Mas a profissão não é tão fácil assim. Como tudo que começa corre o risco de chegar ao fim, algumas mulheres que ganharam a vida na prostituição tiveram seus bordéis fechados. No trecho abaixo, Maggio (2009) reflete a história da lenda-viva Saiana, uma das maiores donas do brega da Bahia naqueles tempos. Nesse destaque, o jornalista consegue evidenciar na narrativa questões enfrentadas pela personagem, como o saudosismo dos grandes tempos e a vontade de ver o brega reerguido novamente, promovendo visibilidade (IJUIM, 2017) à história dessa mulher.

“Eu já tive tudo. Tive homens, tive dinheiro e até duas empregadas. Hoje, estou fracassada. Às vezes, vêm uns aposentados, que não me esquecem, e dormem aqui. Ninguém me esquece. Queria uma ajuda para erguer este local. Saiana estaria de volta novamente. Aí, eu botaria a Regina Duarte para curtir comigo, ela filmaria tudo de novo”. (MAGGIO, 2009, p. 56)

Já Negreiros (2021) aborda a violência doméstica sofrida por muitas mulheres em seus relacionamentos. Como os homens possuem uma posição de poder construída socialmente na sociedade heteropatriarcal, elas continuam sendo vistas apenas como corpos passíveis de serem violentados por quem e como bem entender. No trecho abaixo, Adriana promove uma visibilidade às histórias daquelas que convivem diariamente com a violência promovida pelos seus maridos. Ao expor o forte relato da personagem, estimula a discussão sobre o tipo de sociedade que estamos construindo. Para o marido da personagem em questão, o ódio que ele sente em relação à companheira é motivo para desumanizá-la, atacando-a por “questões estéticas” e afirmando que esta merece ser violentada por conta disso. As mulheres sofrem um ódio inexplicável nesta sociedade que, na verdade, tem origem na misoginia e controle desses corpos para exercício de poder. Adriana expõe no trecho abaixo como a questão da violência esconde raízes profundas.

Como largara os estudos, passava o dia em casa, lidando com o tédio e os enjoos constantes da gravidez. Comia pouco, pois temia engordar. Sentia-se inferior ao marido em tudo, mas suas maiores inseguranças estavam relacionadas à estética. Um dia, ele voltou do trabalho e a encontrou sentada à penteadeira do quarto, arrumando os longos cabelos escuros que caíam sobre os ombros, em ondas suaves. Pelo espelho, ela viu refletida a imagem dele, os lábios e os olhos apertados e as mãos fechadas, com os nós dos dedos saltados. "Você é tão horrorosa que minha vontade é de te bater", disse, dando cascudos no ar. "Não tem vergonha de ser tão feia?", gritou. (NEGREIROS, 2021, p. 52)

*Em Presos que menstruam*, Queiroz (2015) garante visibilidade aos invisíveis ao compreender as contradições em que a personagem Safira está inserida. A autora transpassa em seu texto um olhar crítico voltado para a realidade que a constitui e para a sua própria prática (IJUIM, 2017). Ao falar do caso de Safira, localiza a personagem em um Brasil de profundas desigualdades sociais, onde o crime da personagem deve ser compreendido sob a ótica dos direitos humanos. É direito social das pessoas terem acesso à educação, comida e moradia, mas a história de Safira, assim como a de outros brasileiros e brasileiras, se localiza nessa realidade de ser inserida no crime organizado a partir de uma tentativa de sobrevivência.

Safira passou a levantar todos os dias às 5 horas da manhã para empacotar as sacolas de compras da classe média. Embrulhava todos os dias coisas que tinha desejo de comer, biscoitos que adoraria levar para o filho. Tentava não pensar muito na água na boca ou no aperto no estômago e lembrar que os batalhadores sempre alcançavam alguma coisa - nem que fosse um pacote de bolachas recheadas. (QUEIROZ, 2015, p. 27)

Ao falar de visibilidade, Maggio (2009) colocou em evidência a história das mulheres que não se nomeiam enquanto cafetinas, mas sim "donas de casa" ou donas do "brega". Para isso, o jornalista demonstrou respeito à história dessas mulheres e as reconheceu enquanto pessoas dignas de recriar a sua própria história. Não coisificar ou exotificar (IJUIM, 2017) as personagens que retratou é uma das características da obra do jornalista baiano. No trecho abaixo, questionada sobre como se identifica, a personagem em questão se intitula como dona de casa. O interessante nesse ponto é perceber como, mesmo integrante de um grupo social, as pessoas têm visões e definições diferentes a respeito do que são. Mais do que contar uma história, o livro-reportagem de Sérgio Maggio respeita essas contradições, possibilitando ao leitor ou leitora a oportunidade de continuar a história a partir de sua própria perspectiva, e não pondo um fim à questão.

“Agora, não me pergunte o que é ser uma cafetina. Eu mesma não sou cafetina. Sou uma dona de casa. Agora, como em qualquer coisa, tem que ter as boas e as ruins. Eu faço parte da coisa boa; as cafetinas, das ruins”. (MAGGIO, 2009, p. 98)

Negreiros (2021) retrata as inúmeras camadas abaixo da violência que é sofrer um estupro. Quando se fala das mulheres, essa aberração se aprofunda à medida que mais camadas são expostas. No trecho abaixo, a autora evidencia um outro lado da violência de gênero e cultura do estupro no Brasil: a negação do prazer às vítimas. Sobreviver a um estupro deixa não só marcas físicas, mas psicológicas na vida das mulheres, e a autoconfiança é outro sentimento atingido. Porque o estupro tira o protagonismo das mulheres enquanto sujeitas de seus próprios desejos e prazeres, desumaniza e aniquila subjetividades. Ao falar de um estupro que uma entrevistada sofreu ainda adolescente, Adriana traz a complexidade dessas questões para a narrativa e o fazer jornalístico, respeitando a história da personagem (IJUIM, 2017).

Depois de ter perdido a virgindade durante um estupro, ela continuaria a desconhecer o prazer. Nas ocasiões em que ia para a cama com o rapaz, costumava se perguntar se sexo era mesmo aquilo. (NEGREIROS, 2021, p. 90)

Assim como em *Presos que menstruam*, Queiroz (2015) promove visibilidade aos invisíveis quando expõe as condições materiais das prisões femininas, e como o tratamento masculino direcionado aos “presos” que menstruam desumaniza essas mulheres. A partir da narrativa, fica visível como a jornalista realizou uma apuração e checagem intensas, algo importante na abordagem de temas tão delicados quanto o encarceramento feminino. Nana promove um investimento na visibilidade de pessoas e grupos realizados com lentes opacas pelo jornalismo (MORAES e GOUVEIA, 2019), lançando, assim, luz à história dessas mulheres. A jornalista também coloca em pauta a misoginia e a violência direcionadas a esse grupo como pano de fundo.

Nas penitenciárias, a situação é um pouco melhor, mas, ainda assim, está longe da ideal. Em geral, cada mulher recebe por mês dois papéis higiênicos (o que pode ser suficiente para um homem, mas jamais para uma mulher, que o usa para duas necessidades distintas) e um pacote com oito absorventes. Ou seja, uma mulher com um período menstrual de quatro dias tem que se virar com dois absorventes ao dia; uma mulher com um período de cinco, com menos que isso. (QUEIROZ, 2015, p. 182)

Falar sobre um jornalismo que humanize, quebre estereótipos e procure dar visibilidade aos invisíveis é tratar de uma prática profissional que toma posição pelo outro, pelo elemento humano. A partir da análise dos três livros, fica comprovado que Adriana Negreiros, Sérgio Maggio e Nana Queiroz possuíam esse mesmo objetivo ao construir suas narrativas. É importante pontuar que essas características analisadas não aparecem isoladas nos textos observados, mas se complementam, podendo estar presente as quatro juntas. O objetivo aqui foi destrinchar esses quatro pilares que acreditamos serem essenciais em um jornalismo que procure contribuir para os debates e ressoar as vozes daqueles e daquelas que nunca foram minorias.

### 3. UMA CONVERSA ENTRE PROFISSIONAIS: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO ABERTO E RESPEITO

Para complementar o que foi discutido no capítulo 2, buscamos nas próximas páginas entender as posturas éticas dos (as) jornalistas escritores (as) e as subjetividades que constituem seus olhares, bem como o processo de produção da narrativa e aproximação com as personagens. Procuramos, também, confrontá-los com as histórias e personagens escolhidos, universos muitas vezes narrados de uma perspectiva preconceituosa pela mídia tradicional. A partir da entrevista semi-estruturada (ESE), conversamos com Adriana Negreiros e Sérgio Mággio para construir um diálogo entre os repórteres e as questões teóricas discutidas no primeiro capítulo.

As quatro perguntas escolhidas para a entrevista, detalhadas no quadro 2, foram respondidas por Sérgio Maggio via *whatsapp*, no dia 5 de julho de 2022, e por Adriana Negreiros no dia 12 de julho do mesmo ano, via email.

#### 3.1 É preciso pedir licença

Para Adriana, a aproximação com as mulheres vítimas da violência de gênero e cultura do estupro no Brasil, se deu quando a jornalista se mostrou vulnerável ao encontro com outras, e confessou ter passado pelo mesmo trauma. A perspectiva feminista, segundo a autora, foi a metodologia fundamental no processo de aproximação desse universo e escrita do livro-reportagem. “A epistemologia feminista tem me ensinado o valor da experiência na produção do conhecimento (...), e ajudou-me a compreender melhor o fenômeno estudado e também guiou-me no sentido de entender as dores das outras mulheres”, relata Negreiros (informação verbal, 2022)<sup>5</sup>. A partir desse ponto, a jornalista confirma o que Maroco et al (2019) argumenta acerca do livro de repórter, quando a experiência sensorial subjetiva e a adoção de uma perspectiva feminina significa o desejo ativo de escuta e atenção às alteridades, ou seja, às novas possibilidades de contar histórias.

---

<sup>5</sup> NEGREIROS, Adriana. Processo de aproximação com as personagens no sentido de humanização da narrativa. São Paulo, 12 jul. 2022. Entrevista concedida via email. Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste capítulo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

Para a pesquisa do seu livro, Adriana buscou nos clubes de leitura de mulheres, principalmente aqueles que já haviam discutido a sua obra de estreia, o canal onde escolheria as entrevistadas. Por ser um espaço confortável em que as mulheres se sentiam seguras para compartilhar vivências e experiências, essas associações também proporcionavam uma espécie de terapia coletiva para as participantes.

A partir desse ponto, e por um anúncio postado em seu Facebook, a escritora recebeu mensagens de mulheres que haviam sofrido a experiência da violência sexual, e alguns desses relatos estão no livro *A vida nunca mais será a mesma*. Adriana conta que a aproximação respeitosa à privacidade das outras mulheres e a sua experiência pessoal “criou uma cumplicidade entre mim e as entrevistadas. Foi essencial para a aproximação”, relata.

Escrever sobre grupos vistos muitas vezes por lentes opacas pela mídia tradicional, implica buscar outros mecanismos de escuta e aproximação. Para Sérgio Maggio, a postura do jornalista não deve ser a de “furar” ou chegar fazendo perguntas, mas pedir licença e, acima de tudo, começar observando. “Eu não cheguei como jornalista porque eu já sabia, de antemão, que existia uma resistência” (MAGGIO, informação verbal, 2009)<sup>6</sup>.

Para ele, tratar as cafetinas e prostitutas pelo viés de preconceitos e estereótipos seria desumanizá-las ainda mais. Quando o autor se aproximou do universo da prostituição, o pano de fundo era o Brasil dos anos 1990, marcado por coberturas midiáticas policiais ou que exotificavam as mulheres, sem um debate crítico e amplo que alcançasse a sociedade. Para isso, ele teve que se aproximar lentamente das personagens, num trabalho de conversa e escuta, além da transparência quanto ao que Sérgio esperava daqueles encontros – uma reportagem sobre a vida das cafetinas no estado da Bahia.

Para essa confiança ser construída, o autor não fotografava ou gravava vídeos sem a permissão das mulheres. “Eu busquei, na verdade, não entrar de uma forma violenta, com o objetivo de arrancar uma verdade ou construir uma notícia (...). Eu fui com o objetivo mesmo de me aproximar e criar uma possibilidade de ouvir essas histórias”.

---

<sup>6</sup> MAGGIO, Sérgio. Processo de aproximação com as personagens no sentido de humanização da narrativa. Brasília, 05 jul. 2022. Áudio (whatsapp). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste capítulo são informações verbais retiradas da mesma gravação

As posturas de Sérgio e Adriana dialogam com o que as autoras Marocco, Zamin e Silva (2019), junto com Moraes e Gouveia (2018), entendem como atitudes profissionais que se abrem para os outros e outras. A partir das aproximações de ambos os jornalistas, vemos a importância de um constante debate à respeito das práticas jornalísticas e o livro-de-repórter. Para além disso, um fator de grande importância é o olhar crítico que os dois jornalistas lançam para a influência de seus métodos na vida dos personagens, assim como o comprometimento com a quebra de preconceitos e estereótipos em seus trabalhos.

### **3.2 Uma conversa a três: posturas para superar estereótipos**

Os nossos olhares são carregados de estereótipos construídos a partir da realidade material na qual estamos inseridos. Também, partem de lugares distantes no passado que durante muito tempo os normalizou. Por isso, escrever reportagens ou livros que tenham como objetivo contribuir para a destruição dessas noções preconcebidas – que perpetuam opressões como o machismo e o racismo –, são tão importantes.

Adriana Negreiros sabia muito bem o que queria des(construir). Ao escrever um livro sobre a violência de gênero, a escritora entendia que, como jornalista, um de seus grandes compromissos era fugir de estereótipos, que são visões deturpadas que costumam contar inverdades. Um dos quais a autora considera perigoso, irreal e derivado do senso comum, é o da figura do estuprador. O sujeito distante, sem uma cara ao certo, monstruoso, esquisito e tímido, frequentemente descrito pela indústria do entretenimento. Para ela, o seu livro destrói essa ideia ao contar histórias reais de mulheres, crianças e adolescentes, que tiveram a vida e sonhos marcados pelo trauma da violência, causados por um homem próximo e bem conhecido, como o pai, o avô, tio ou amigo.

Segundo Adriana, o perfil do estuprador está muito mais encaixado nos homens funcionais com que as mulheres convivem todos os dias, como demonstram as estatísticas, do que o contrário. “A maioria dos casos de violência sexual ocorre dentro de casa e são protagonizados por cidadãos tidos como respeitáveis e zelosos dos bons costumes”, frisa. Com isso, a autora nos leva a refletir sobre algumas outras problemáticas que nem estão tão explícitas em seu livro, como a importância da discussão sobre educação sexual nas escolas, o respeito ao limite das crianças e a

segurança de meninas e mulheres que sofrem com a cultura do estupro e violência em suas próprias casas. Como vimos no capítulo teórico, o jornalismo existe para colocar o dedo na ferida dos problemas sociais de nosso tempo, e deve partir dos profissionais o comprometimento com a mudança, apuração e checagem densas.

O jornalista Sérgio Maggio também tinha claro o estereótipo do qual buscava se afastar. Por isso, escreveu um livro a partir de conversas com cafetinas. Aliás, as semelhanças entre Sérgio e Adriana são inúmeras. Os dois jornalistas nos ensinam que, para escrever sobre algo, é preciso ter em mente os estereótipos que circundam ao redor do tema, assim como ter claro os caminhos para ultrapassá-los.

Amparado por professores e professoras do departamento de comunicação e antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Sérgio Maggio descreve que, antes de resolver de fato contar a vida dessas mulheres, já as entendia como sujeitas donas de suas histórias e, por isso, não cabia a ele reproduzir ainda mais inverdades. Ele entendia que, “antes de serem prostitutas, elas são mulheres. Elas têm histórias, não chegaram na prostituição com páginas em branco e ali se transformaram em caricaturas”.

Para Maggio, as prostitutas e cafetinas são mulheres que, para viver de acordo com os códigos da prostituição, foram criando os seus próprios, além de mecanismos de defesa. O autor conta que encontrou pessoas maravilhosas, com quem dividiu momentos de bar, conflitos e espaços de reflexão. Seres humanos que passaram a habitar a sua memória afetiva, e que despertam, ainda hoje, pensamentos curiosos a respeito de como viveram e o que aconteceu com elas.

Segundo ele, quando o jornalista consegue ultrapassar qualquer estereótipo, vence essa camada, que ele define como mais grotesca, e então, consegue atingir o humano. É possível, então, entender por que aquelas pessoas estão naqueles lugares, e perceber, de fato, os traços mais evidentes de humanidade. Para Sérgio Maggio, não foi difícil destruir estereótipos, porque o autor já tinha muito claro o que queria narrar e, principalmente, a intenção genuína de ouvir. A partir daí, o processo inteiro foi bem natural. “Eu narrei realmente conversas. Esqueci completamente que eram cafetinas, donas de bordéis ou prostitutas”, completa. Com isso, o jornalista afasta visões preconceituosas que reduzem essas mulheres a “putas”, “sem vergonha” ou meros objetos inanimados, destituídos de vontades e desejos.

As prostitutas e cafetinas nos ensinam que os grupos oprimidos são, na verdade, um “deslize” importante da visão a qual a sociedade conservadora e

heteropatriarcal enxergam as mulheres. Essa postura confirma o que discutimos no capítulo referencial e de análise, baseada principalmente no que entende Moraes e Gouveia (2018), sobre a importância de não apagar o sujeito que se investiga e, também, priorizar as diferenças em detrimento das semelhanças. Adriana e Sérgio põe em conflito os leitores e leitoras que esperam uma narrativa engessada e desumana, trazendo o sujeito pessoal, a subjetividade e a singularidade a respeito de cada um. Nos deixando, claro, com mais perguntas além de respostas.

### **3.3 Como lidar com a subjetividade?**

O jornalista, enquanto produto de seu tempo, carrega bagagens com que percebe e escreve visões de mundo, mas essas percepções podem sempre ser postas em cheque. Ao entrar em contato com o outro, o profissional é catapultado para um universo totalmente diferente, e a partir daí, existem choques, convergências e dilemas éticos. Afinal, você está lidando com um outro ser humano.

Foi com esse pensamento que Sérgio Mággio e Adriana Negreiros lidaram com aspectos subjetivos ao longo da apuração e escrita. Para Negreiros, o respeito ao outro se deu a partir de uma narrativa mais crua possível, para que o terror da violência sexual não escapasse ao leitor e prestando atenção, também, para não fazer sensacionalismo em torno das experiências traumáticas. Na visão da escritora, os “limites entre a crueza e o sensacionalismo são facilmente ultrapassáveis, de modo que li e reli os trechos diversas vezes, atenta aos detalhes que pudessem ser de mau gosto, impróprios ou dolorosos num grau insuportável”. Porque a humanização acontece quando se respeita esse limite, conforme destaca Adriana Negreiros.

Não é por meio de passagens cruéis que se conta unicamente a dor de um trauma, mas nas entrelinhas, no que fica subentendido. Quanto a isso, Adriana toma cuidado para não “espetacularizar” as personagens. Não é somente o horror que deve ser utilizado para contar a história de mulheres. Mas sim, localizar esse horror no que o constrói enquanto um problema importante de ser confrontado, dando nomes e espaço para as mulheres falarem sem se desculparem por descrever suas feridas. “Outra forma de respeito às mulheres foi o sigilo quanto às informações pessoais”. Adriana conta que não identificou as personagens, mesmo quando elas diziam que o anonimato não era necessário. “Fiz isso em respeito a elas e a outros envolvidos.

Familiares, principalmente. Também mudei detalhes que podiam torná-las facilmente identificáveis, de forma a preservá-las”.

Para Sérgio Maggio, um ingrediente essencial na relação repórter-entrevistada é o respeito conquistado pelo jornalista. Sérgio conta que trabalhou com a possibilidade da memória para construir o livro, que por si só, já é algo subjetivo. Acessar o mistério do que o outro pensa significava respeitar essa matéria prima e não duvidar ou checar o que diziam as mulheres. “Acho que o respeito nasce desse entendimento de que eu não queria estar ali buscando verdades. Eu queria estar ali fazendo com que as verdades dessas mulheres chegassem aos olhos dos leitores”, admite.

O jornalista conta que essa atitude possibilitou a conquista do respeito por parte das mulheres, gerando uma experiência diferenciada, muito além de uma relação engessada de repórter e fonte. As histórias faziam parte de caminhos singulares que aquelas mulheres trilharam. Isso “permitiu bastante que houvesse o respeito, porque eu não desmentia essas histórias. Eu apenas, na construção da narrativa, coloquei possibilidades para que o leitor observasse as contradições”, explicou Sérgio Maggio. Não houve julgamentos às memórias nem em sua escrita do que as mulheres diziam.

A partir da leitura, Sérgio construiu uma história em que os leitores e as leitoras percebessem contradições inerentes àqueles depoimentos, que também passam pelo local da subjetividade. O maior ganho do vencedor do Prêmio Jabuti em 2010, é a construção de um universo que busca as particularidades em um grupo mal visto pela sociedade, sem procurar contrapô-las. Até porque algumas histórias são complexas demais para idealizarmos esgotá-las. O elemento humano vai ser sempre algo muito difícil de lidar, mas nem por isso, menos prazeroso.

### **3.4 O seu jornalismo procura dar visibilidade aos invisíveis?**

A jornalista Adriana Negreiros entende que é dever de todo (a) profissional identificar ângulos cegos e contar histórias que ainda não receberam a devida atenção. Para ela, o seu livro existe enquanto um produto que desafia o debate no meio jornalístico a respeito da violência de gênero e cultura do estupro, que naturaliza o ódio contra a mulher e é responsável pela destruição de vidas. Embora o assunto esteja presente na sociedade há dezenas de anos, é um debate que ainda merece ser escrutinado pelos jornalistas. Uma mulher é estuprada no Brasil a cada oito

minutos e, apesar desse dado gritante, a violência sexual ainda é tema tido como menos importante em muitos veículos de comunicação. Na visão de Adriana, isso ocorre porque as vítimas são mulheres — se fossem homens, o tratamento seria outro. “Jornalistas, por dever de ofício, devem defender os direitos humanos — e, nesse sentido, assegurar o acesso à informação para que populações sejam respeitadas e tenham existências dignas”, defende ela.

Quando lançou *Conversas de Cafetinas*, há 13 anos, Sérgio Maggio foi confrontado pela mesma pergunta que fizemos, tanto no mundo acadêmico quanto na mídia. Queríamos entender como o autor enxergava o seu livro, no sentido de um jornalismo que buscava ouvir grupos e assuntos invisibilizados ou exotificados pela mídia. De acordo com ele, até a própria justificativa dos jurados do prêmio Jabuti, apontavam para esse lugar – da intenção de olhar para o que na verdade nunca foi invisível.

Sérgio acredita que a resposta para essa pergunta se encontra em um lugar secreto em que a narrativa magicamente leva o leitor, tal qual personagem do coelho em *Alice no país das maravilhas*, para uma grande aventura. Esse local oculto e poderoso abriga o som antes silenciado das vozes de mulheres cafetinas, que um dia foram crianças, adolescentes e, que, infelizmente, conheceram a violência de gênero. Que buscaram esse caminho – intencionalmente ou não, porque não havia outro jeito. Onde o Estado deveria acolher, a prostituição fez o seu trabalho. Para Sérgio, o livro captura os (as) leitores (as), pois joga luz na humanidade dessas mulheres e suas histórias pregressas. “Então, não tá buscando crucificá-las, não tá buscando carimbá-las como cafetinas. Mas está, de alguma maneira, mostrando que foram mulheres que trazem, em si, um legado de vida”, afirma.

O livro denunciava, também, a falta de políticas públicas desenvolvidas pelo estado baiano naquela época, de modo a assegurar os direitos dessas mulheres quanto à proteção da (s) violência (s). “Você não tinha uma assistência social, não havia assistência de saúde, não tinha uma política de aposentadoria para elas. Não é considerado uma profissão. Ainda tem todos os tabus e preconceitos da sociedade”, conta Sérgio.

Para nós, ambos os livros são obras que, felizmente, nos deixam mais perguntas do que respostas. A partir da leitura de *A vida nunca mais será a mesma* e *Conversas de Cafetinas*, temos a visão de dois Brasis atravessados pela violência e misoginia de raízes históricas. Dois países que na verdade são um só. Como Adriana

mostra em seu livro, a luta das mulheres que guerreiam contra a violência nunca foi e nem vai ser sufocada. Desde o direito de legítima defesa da honra, que imperava no passado e os homens encontravam brechas no direito para cometer assassinatos por traição em nome da moral e dos bons costumes, felizmente, temos histórias como a de Maria da Penha, que trouxe aparatos para se combater a violência doméstica e familiar contra a mulher, desenvolvendo medidas de prevenção, assistência e proteção.

Por outro lado, pelas lentes de um jornalista masculino, mulheres cafetinas são procuradas para falarem sobre suas vidas e o que as constituem como são: traumas, amores, decepções. Tudo isso se mescla na narrativa de Sérgio Maggio. Acontece que nada termina em si, e os dois livros vão continuar a conversar por anos. Com sorte e vontade, esperamos que nós continuemos a dialogar com eles também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo principal entender de que forma os livros de repórteres brasileiros podem quebrar estereótipos na cobertura de assuntos sensíveis presentes na vida de grupos atravessados pela violência, como as mulheres, e que foram, durante muito tempo, retratados por uma régua por vezes misógina e preconceituosa no jornalismo. Para cumprir esse desafio, estudamos, por meio da análise de conteúdo e entrevista em profundidade, três livros-reportagem (dois escritos por mulheres e o outro por um homem), que se desafiaram a narrar problemáticas vividas por mulheres. Nessa imersão de fôlego, quatro linhas de força nortearam o nosso objetivo: a humanização, a superação de estereótipos, visibilidade aos invisíveis e a subjetividade e respeito ao outro, categorias esmiuçadas por nós, em debate com os/as pesquisadores (as) teóricos aqui trabalhados.

Ao entrar nesse universo de possibilidades que o livro de repórter traz para o exercício de um jornalismo de fôlego na contextualização e investigação das raízes de um fato social, eu não imaginava que pudesse encontrar um aliado tão potente na construção de outro (s) mundos (s) mais justo e receptivo às diferenças que nos constituem. Ao decidir pesquisar como esse jornalismo nos traz perguntas importantes aos problemas que nos atravessam e cutucam feridas coloniais, racistas, classistas e misóginas, chegamos à figura do repórter-autor, trazida por Marocco, Zamin e Silva (2019), um fenômeno que, a partir da sua trajetória no jornalismo e na constituição de uma prática característica e autoral, tece novas formas e práticas de fazer jornalismo. Posturas que, por si só, põem em cheque visões engessadas de apuração e construções de narrativa comuns em coberturas tradicionais.

Se o jornalismo em que acredito tem como uma das principais missões humanizar e quebrar estereótipos que circundam temas e pessoas invisibilizadas pelo crivo das grandes notícias, não há possibilidade do repórter-autor, o profissional da informação, não se envolver, ou, muito menos, não deixar-se afetar pelo campo. Tudo que nos constitui é atravessado pela política; questões de gênero, raça e classe, e se uns podem falar em detrimento de outros (as), sobre outros (as), silenciando-os (as), envolve um jogo de poder e afirmação. Se apenas uma visão de mundo e somente um grupo tem espaço para contar as suas narrativas, ainda temos muito o que des(construir).

Portanto, essa pesquisa entendeu que é possível utilizar a subjetividade, os sentidos e a perspectiva do feminino na construção de um jornalismo mais receptivo às alteridades, ético e respeitoso com outros e outras. A subjetividade, a emoção, a sensibilidade, autocrítica e a voz ativa de quem constrói uma narrativa são elementos muitas vezes tidos como “femininos” e, por isso, colocados em contraposição à razão, como uma impossibilidade de rigor jornalístico e, por isso, menos confiável. Entendemos que é possível, sim, construir narrativas por meio desses atributos, que não sejam preconceituosas. Perceber, de forma mais humana, os seus critérios de noticiabilidade, olhando até mesmo para um horizonte além, sem perder, claro, o rigor jornalístico de pesquisa e apuração.

São livros como *Presos que menstruam*, *A vida nunca mais será a mesma* e *Conversas de cafetinas* que nos demonstram a importância de como **falar com** o outro, ao invés de **falar pelo** outro. São trabalhos escritos por jornalistas, homens e mulheres, que não pretendem “furar” ou expor sobre o que acham, mas se permitem ser vulneráveis aos encontros e, por isso, capturam o humano, aquela subjetividade quase impossível de ser alcançada quando se fala de assuntos complexos e violentos. São narrativas que se colocam, que não pretendem justificar uma parcialidade como sinônimo de rigor. Não nutrem a pretensão de contar **uma** verdade, pois entendem que existem diversas, e a que geralmente é contada repousa sob séculos de colonização e força. É preciso utilizar a subjetividade como arma de guerra, eu diria.

Os livros aqui analisados e os autores entrevistados nos confirmam que o livro-reportagem ou livro de repórter é um canal muito importante na escolha de um jornalismo que escapa aos temas usuais cobertos nos grandes jornais. E que a escolha de quebrar estereótipos passa principalmente pela escuta ativa e a intenção do jornalista de não reproduzir ideias errôneas sobre grupos e pessoas. Ainda nesse quesito, o livro não é a única forma de produzir narrativas humanizadas. É possível colocar o elemento humano como ponto de partida e chegada em qualquer produção que se faça, mesmo naquelas mais limitadas pela pressão do tempo urgente de apuração.

O livro de repórter, conceito trabalhado pelas autoras Marocco, Zamin e Silva (2019), é o que melhor contextualiza e nos possibilita aparatos para entender a quebra de estereótipos em assuntos ligados ao universo feminino, mas não só. Acredito que esse conceito é bem praticado por Nana Queiroz, Adriana Negreiros e Sérgio Maggio,

jornalistas que construíram sua própria linguagem, que combatem, cada um ao seu modo, a objetivação jornalística e, portanto, elaboram uma prática autoral e crítica.

Em tempos de descredibilização do jornalismo por figuras como Jair Bolsonaro, que ganhou as eleições de 2018 para presidente, em grande parte por conta de *fake news* e disparo de mensagens falsas em redes como o *Whatsapp*, além de um descrédito generalizado acerca do jornalismo, cabe a nós, pesquisadores e profissionais, desconstruir esses ideais positivistas em nossos trabalhos. Escolher contar de forma respeitosa e ética os reais problemas de nossa sociedade, procurando visibilizar aqueles e aquelas violentadas pela mídia e pela história. É um trabalho educativo de “formiguinha” lutar pela mudança das estruturas e engrenagens que mantêm privilégios e perpetuam feridas, por isso, também cansativo em um momento profundo de crise e ataque aos direitos humanos em nosso país.

Mesmo no campo acadêmico, cabem outras pesquisas que procurem observar a presença deste jornalismo mais autoral e comprometido, em outros veículos midiáticos, como reportagens especiais multimídia, de televisão, rádio, revista ou jornal. Também são urgentes mais estudos que ouçam esses e essas jornalistas, inclusive no campo regional, sobre suas posturas éticas.

Essa pesquisa, ainda tímida e iniciante, surge em um momento de escolha em lutar pelos direitos daqueles e daquelas que mais sofreram na pandemia da Covid-19, nesses últimos séculos, e que desde sempre conhecem o significado de lutar sem descansar. São as mulheres, os povos originários e as comunidades tradicionais, os negros e negras, e as pessoas LGBTQs. Qualquer elemento humano que o jornalismo discuta vai ter de lidar com essas questões. Quanto aos colegas de profissão, espero que essa monografia lhes conceda mais perguntas e elementos críticos na escolha de um jornalismo humano e ético. Que esse seja apenas o início dessa construção coletiva.

## REFERÊNCIAS

Braun, V.; Clark, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*, 3(2), p. 77-101.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2005.

GUEDES, Nicoli Glória De Tassis. **NOS RASTROS DE ROTA 66 E ABUSADO: O LIVRO-REPORTAGEM E A TRADIÇÃO DAS NARRATIVAS REALISTAS/NATURALISTAS BRASILEIRAS**. Orientador: Prof. Dr. Bruno Souza Leal. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

IJUIM, Jorge K. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. **BOOC**, Florianópolis, 2014. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>>. Acesso em 27 de out. 2020.

IJUIM, Jorge K. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. *Revista Verso e Reverso*, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/ver.2017.31.78.07/6252>. Acesso em: 27 de out. 2020.

IJUIM, Jorge K.; VALENTINI, Gêssica. **Interrogações sobre humanidade e seus reflexos no jornalismo**. *Educação, Cultura e Comunicação*, [s. l.], v. 12, ed. 23, 2021. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1307>. Acesso em: 3 out. 2022.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**. [S. l.: s. n.], 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 7 set. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Recife, 2018. 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29836>>. Acesso em: 10 de set. 2022.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MAGGIO, Sérgio. **Conversas de Cafetinas**. 1ª reimpressão. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009. 160 p. ISBN 978-85-60171-07-1.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; SILVA, Márcia. **Livro de repórter**: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2019. 448 p. ISBN 978-85-8384-

084-8. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20064/\\_Livro-de-reporter-autoralidade-e-critica-das-praticas%20%284%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20064/_Livro-de-reporter-autoralidade-e-critica-das-praticas%20%284%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 11 set. 2022.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. **Para além do robô, a reportagem:** pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018. 340 p. ISBN 978-85-69563-27-3. Disponível em: <[https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Narrativas\\_midiaticas\\_contemporaneas\\_perspectivas\\_metodologicas.pdf](https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Narrativas_midiaticas_contemporaneas_perspectivas_metodologicas.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2022.

MORAES, Fabiana; MAIA, Marta. **O jornalismo deve contribuir para a ruptura do sistema.** Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 18, n. 1, p. 271-284, 2021.

MORAES, Fabiana. **Para que serve um jornalismo de subjetividade?**. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; VEIGA DA SILVA, Marcia. **Livro de repórter:** autorialidade e crítica das práticas. 1. ed. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2019. v. 1, cap. A reportagem pelas repórteres, p. 411-432. ISBN 978-85-8384-084-8.

NEGREIROS, Adriana. **A vida nunca mais será a mesma:** Cultura da violência e estupro no Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021. 304 p. v. 1ª edição. ISBN 978-85-470-0134-6.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam.** 4ª edição. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. 390 p. ISBN 978-85-01-10367-3.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Trajetórias de vida como ingrediente de práticas jornalísticas afeitas à alteridade.** In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; VEIGA DA SILVA, Marcia. **Livro de repórter:** autorialidade e crítica das práticas. 1. ed. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2019. v. 1, cap. A reportagem pelas repórteres, p. 411-432. ISBN 978-85-8384-084-8.